

*Cultura, afeto e
relações sociais
nos momentos
de alimentação na
creche*



Bárbara Rodrigues Moraes

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

Bárbara Rodrigues Moraes

Cultura, afeto e relações sociais nos momentos de alimentação na creche

Porto Alegre
1. Semestre
2020

Bárbara Rodrigues Moraes

Cultura, afeto e relações sociais nos momentos de alimentação na creche

Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade de Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do Título de Licenciado(a) em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Saballa de Carvalho

Porto Alegre
1. Semestre
2020

AGRADECIMENTOS

Agradeço minha família que me acompanhou durante essa trajetória, principalmente meus pais, Rosângela e Artur, e minha irmã, Bruna, que sempre estiveram ao meu lado me apoiando e auxiliando em tudo que precisei. Sou muito grata aos meus pais que sempre incentivaram na realização do meu sonho de ser professora. Eles que me inspiram em ser cada dia uma pessoa melhor, uma profissional melhor, sempre alcançar meus objetivos.

Agradeço à Cristiane Silva que estava desde o início do meu percurso como acadêmica da UFRGS, amiga que o curso de Licenciatura em Matemática me deu e segue me acompanhando e me ajudando, foi e é muito importante. Também agradeço à Yandra Batista, minha amiga, obrigada pela parceria e dedicação.

Agradeço minha amiga Larissa Nunes, chegou na minha vida no final do meu curso, mas fez toda diferença. Sempre me dando suporte, conselhos, mostrando de tudo daria certo. Uma mulher e uma professora que me dá orgulho e que me inspira.

Um agradecimento especial à minha amiga Melissa Lemos, que a Pedagogia me presenteou. Sou grata por tudo que passamos juntas ao longo do curso, ela que sempre está ao meu lado, compartilhamos risos, conquistas, choros, trabalhos, muitos trabalhos. E agora me ajudou, me tranquilizou nessa jornada de escrita desse trabalho de conclusão de curso. Minha dupla na faculdade e na vida. Se sou essa professora hoje é porque ela fez parte dessa construção.

Para finalizar agradeço ao meu orientador, Rodrigo Saballa de Carvalho, por todo suporte e dedicação que teve comigo ao longo do estágio e da escrita dessa pesquisa. Obrigado pelas conversas, leituras e aprendizados, seguirei com eles sempre. A sua docência é inspiradora e encantadora.

Meus sinceros agradecimentos!

A nutrição é um desafio humano. Não é desafio apenas dos bebês e crianças pequenas. Como todas as necessidades humanas não poderia ser simples. Ainda assim, a depender de como se inicia, pode ser uma possibilidade que elevaria todos os humanos para um nível mais pacífico consigo mesmo e com os outros, em relação a algumas dimensões que considero fundamentais: à saúde entendida como um estado de bem-estar geral do indivíduo, a aprendizagem do cuidado de si, o desenvolvimento da atenção, o poder de escolha e a confiança. (OLIVEIRA, 2019, p. 31)

RESUMO

O presente trabalho de conclusão, a partir das contribuições dos Estudos sobre alimentação no contexto da Educação Infantil, apresenta reflexões a respeito das práticas de alimentação de bebês e crianças bem pequenas na creche. Para tanto, foram definidos os seguintes objetivos: a) abordar as relações entre comida e cultura, evidenciando como a cultura influencia nas práticas de alimentação; b) evidenciar as relações entre alimentação e o currículo da Educação Infantil, destacando a necessidade de planejamento, cuidado e atenção com as crianças em tais momentos; c) reconhecer que a alimentação no berçário tem suas especificidades e está diretamente relacionada a aprendizagens cotidianas dos bebês e das crianças bem pequenas. Tendo em vista o exposto, metodologicamente foram realizadas 6 entrevistas com professoras atuantes em grupos de berçário de instituições públicas e privadas de Educação Infantil, com a intencionalidade de escutar suas narrativas a respeito da alimentação na creche. Para isto, as questões das entrevistas se focalizaram nos modos como as professoras planejam e organizam os momentos de alimentação, as especificidades dos momentos de alimentação, as relações entre alimentação e cultura, bem como as reverberações desse processo no currículo das instituições. A partir dos dados gerados nas entrevistas, foi realizada a análise do conteúdo das mesmas, a qual possibilitou definir as seguintes unidades analíticas: 1) relações entre alimentação e cultura; 2) modos de organização dos momentos de alimentação; 3) currículo e alimentação; 3) recomendações docentes a respeito dos momentos de alimentação. A partir das análises empreendidas, foi possível inferir a respeito da importância dos momentos cotidianos de alimentação na creche, assim como da necessidade de tais ocasiões se tornarem parte efetiva da ação pedagógica na Educação Infantil. Ademais, também foi possível destacar a importância das professoras durante os momentos de alimentação dos bebês e crianças bem pequenas na creche, já que a ação intencional das mesmas é promotora de cuidado, segurança, conforto e autonomia.

Palavras-chave: Alimentação. Bebês e crianças bem pequenas. Docência no berçário. Creche. Educação Infantil.

LISTA DE TABELA

Tabela 1 – Apresentação das professoras participantes da pesquisa.....	28
Tabela 2 – Questões da entrevista.....	29

SUMÁRIO

1	CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	9
2	EDUCAÇÃO INFANTIL, COMIDA E CULTURA: ABRINDO O DIÁLOGO SOBRE A ALIMENTAÇÃO DOS BEBÊS NA CRECHE.....	12
2.1.	ALIMENTAÇÃO E CURRÍCULO NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	13
2.2.	ALIMENTAÇÃO NO BERÇÁRIO: APRENDIZAGENS DA VIDA COTIDIANA.....	17
2.3.	POR UMA PEDAGOGIA DA COMIDA NA CRECHE.....	22
3.	TRAJETÓRIAS INVESTIGATIVAS.....	26
3.1.	ENTREVISTA COMO METODOLOGIA DE PESQUISA.....	26
3.2.	A SELEÇÃO DAS PROFESSORAS ENTREVISTADAS.....	28
3.3.	ANÁLISE DO CONTEÚDO.....	31
3.4.	ASPECTOS ÉTICOS NA REALIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS.....	32
4.	CONCEPÇÕES DAS PROFESSORAS: NARRATIVAS SOBRE AS PRÁTICAS DE ALIMENTAÇÃO NO BERÇÁRIO.....	34
4.1.	RELAÇÕES ENTRE ALIMENTAÇÃO E CULTURA: PERSPECTIVAS DOCENTES.....	34
4.2.	MODOS DE ORGANIZAR OS MOMENTOS DE ALIMENTAÇÃO DOS BEBÊS E CRIANÇAS BEM PEQUENAS.....	38
4.3.	RELAÇÕES DAS PROFESSORAS COM OS BEBÊS DURANTE AS PRÁTICAS DE ALIMENTAÇÃO.....	44
4.4.	CURRÍCULO E ALIMENTAÇÃO: NARRATIVAS DOCENTES.....	47
4.5.	RECOMENDAÇÕES DOCENTES A RESPEITO DOS MOMENTOS DE ALIMENTAÇÃO....	50
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	54
	REFERÊNCIAS.....	56
	APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	60

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

“Entre os prazeres que ligam o homem à sua nutrição, há o princípio do prazer: o prazer derivado do uso dos sentidos, mas também, o prazer da descoberta, o prazer de manipular matérias-primas para criar alimentos, o prazer da brincadeira e o prazer da companhia que, na mesa, torna-se convivência”.
(CAVALLINI; TEDESCHI, 2015, p. 16)

O momento da alimentação tem um importante significado representativo em nossas mentes. Frequentemente, relacionamos o ato de se alimentar apenas como uma obrigação biológica, crucial para o nosso desenvolvimento e para nossa sobrevivência, nos proporcionando nutrientes necessários. No entanto a alimentação ainda vai além; ela é nossa identidade, evidencia nossa cultura, nossas crenças e a qual classe econômica pertencemos.

Nesse sentido, na escola de Educação Infantil, a alimentação deve ser posta como uma questão bem importante, visto que as práticas da rotina que constituem a infância são levadas para a vida toda e são elas que formam o sujeito. Quem alimenta precisa entender a dimensão que nessa primeira fase oportunize o bebê a chance de poder viver essa experiência da alimentação de forma plena.

Considerando a influência que uma alimentação mais prazerosa pode causar em um bebê, deve ser observado também o quanto é importante conhecer os alimentos em suas reais formas e poder acompanhar a preparação desses alimentos. Durante as rotinas do cotidiano, nas palavras de Barbosa (2006), a vida cotidiana é, assim, a vida dos sujeitos por inteiro, da qual eles participam com todos os aspectos de sua individualidade. É nela, na sua execução, que adquirimos todas as habilidades, os conhecimentos e as práticas imprescindíveis para vivermos a vida em sociedade.

Nesta perspectiva, no âmbito da Educação Infantil, a alimentação é uma área de estudo e investigação que requer destaque, por estar configurado em uma prática cotidiana que requer sensibilidade e muito significativa para os bebês. Diante disso, sendo a alimentação parte do cotidiano na creche, questiono: qual o papel das educadoras durante a alimentação? Como esses momentos podem e devem ser pensados e organizados? Esses momentos podem ser considerados práticas pedagógicas? Deste modo, a pesquisa é norteadas por essas indagações, por acreditar que esses momentos são cruciais ao desenvolvimento da criança, assim dando uma visibilidade maior e apontando possíveis reflexões sobre as práticas do cotidiano durante a alimentação dos bebês na creche.

Sendo assim, para buscar as respostas para minhas indagações, estabeleci os seguintes objetivos para minha pesquisa: a) abordar as relações entre comida e cultura, ou seja, discutir como

a cultura influencia na alimentação; b) a alimentação faz parte do currículo da Educação Infantil, por isso demanda planejamento, cuidado, atenção com as crianças, logo pretendo pesquisar como essa ação acontece e como deveria acontecer nas escolas; c) reconhecer que a alimentação no berçário tem suas especificidades e está diretamente relacionada a aprendizagens cotidianas dos bebês.

Em vista disso, esse estudo justifica-se sobretudo em compreender a importância do momento da alimentação e que esse momento na rotina escolar deve fazer parte do trabalho pedagógico, e que o papel das professoras durante a alimentação está nos detalhes que podem fazer toda diferença, desde o cuidado, até o ensinar a pegar o talher e alimentar-se de forma independente. Portanto, se a alimentação tem um lugar importante e muito significativo no cotidiano dessas escolas, é imprescindível pensar no que envolve esse ato de comer, que é um aprendizado e precisa ser entendido como um trabalho coletivo, tanto entre as próprias crianças, quanto para a professora que tem a demanda de aprender a escutar e estar atenta às ações das crianças.

Com a finalidade de responder à questão, foi fundamental aprofundar, investigar e questionar referenciais teóricos com o tema alimentação na creche discutindo sobre a relevância desse tema para entender que o ato de comer é cheio de significados. Para Harfliger (2015) no momento em que for compreendido que no ato de se alimentar podemos aprender, que nos constituímos como pessoas, estabeleceremos uma relação diferente com as crianças. Assim, poderemos dar a elas a oportunidade de descobrir os alimentos, as formas de se alimentar, e dessa forma então, estaremos mais atentos às decisões tomadas frente à experiência diária da alimentação na escola.

Com o objetivo de discutir e investigar, o presente estudo será dividido em três capítulos. O primeiro capítulo intitulado “Educação Infantil, comida e cultura: abrindo o diálogo sobre a alimentação dos bebês na creche” que abordará as relações da alimentação e currículo através das Diretrizes Nacionais Curriculares da Educação Infantil, das concepções de currículo e planejamento, visando o cuidado e afetividade com as crianças, além de tratar da alimentação do berçário, enfatizando as especificidades desse momento com os bebês, as aprendizagens do cotidiano, pensando nos espaços, tempos, como o ato de comer deve ser organizado dentro da rotina e então tencionar sobre uma pedagogia da comida, qual a sua definição e porque devemos tê-la nas creches.

O segundo capítulo, nomeado como “Trajetória investigativa” tratará da metodologia usada para essa pesquisa, explicando a importância da estratégia selecionada, além das definições na seleção das professoras entrevistadas e o modo como serão analisados os dados da entrevista.

E o terceiro capítulo, denominado como “Concepções das professoras: narrativas sobre as práticas de alimentação no berçário”, onde as narrativas das professoras entrevistadas serão analisadas, sendo que essas narrativas serão divididas por temas, conforme as perguntas que serão feitas, os temas são: relações entre alimentação e cultura; modos de organizar os momentos de

alimentação dos bebês; relações das professoras com os bebês durante as práticas de alimentação; currículo e alimentação; e as recomendações docentes a respeito dos momentos de alimentação.

2. EDUCAÇÃO INFANTIL, COMIDA E CULTURA: ABRINDO O DIÁLOGO SOBRE A ALIMENTAÇÃO DOS BEBÊS NA CRECHE

A partir dos primeiros anos de vida o ambiente da alimentação é primordial para o início da socialização da criança e para integração à cultura¹. Holland (1999) afirma que a alimentação é um hábito, e os hábitos formados pela comida se tornam tradição; porque o gosto que se adquire não se perde facilmente, os gostos e cheiros conhecidos fazem lembrar de acontecimentos relacionados a eles. Desde o nascimento, a criança é influenciada pelo lugar onde vive, por meio da relação com a família, com a escola, com a comunidade, etc. e, assim, constituindo-se dos hábitos e costumes, construindo seu modo de ser e de viver. Deste modo, comporta-se do modo como é normal naquele lugar em que vive, seguindo os padrões estabelecidos por essa sociedade, ou seja, conforme a cultura local.

Na revisão das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI), homologada em 2009, ao citar as condições para a organização curricular, as diretrizes se referem às práticas envolvidas durante a alimentação precisam respeitar e atender o direito da criança de apropriar-se dos modos estabelecidos culturalmente de alimentação, de relação com o próprio corpo e consigo mesma, sendo que estes momentos devem, segundo o documento, ser mediados pelas professoras e professores, responsáveis por planejar e cuidar da organização dos momentos de alimentação intencionalmente. As DCNEI ainda citam tais práticas como algo que desafia os bebês a se construírem e se apropriarem de conhecimentos que são produzidos em seu meio cultural e pela sociedade, na Educação Infantil as práticas são articuladas ao cotidiano das crianças, ampliando assim as possibilidade de ação no mundo e as possibilidades delas viverem a infância.

Então é possível afirmar que comer está além do apenas alimentar-se, também é parte da cultura. A comida está transpassada de ligações sociais, culturais e históricas, pois desde pequenos, a alimentação nos vincula com a nossa sociedade, nos vincula com o outro. Ratificando o argumento, Cavallini e Tedeschi (2015), afirmam que o momento de alimentação nos conecta com nossa consciência, expandindo nosso olhar, um olhar que nos conecta para a comida como parte da vida de todo ser humano, como indispensável à existência, e nos ensina que o caminho que escolhemos provoca unidade ou fragmentação, revela identidade ou massificação, comunica o que somos na essência, o que constrói nossas memórias do vivido.

Compreende-se que durante a alimentação deve-se: 1) oportunizar diferentes possibilidades educativas, através de projetos onde as crianças possam ter contato com os alimentos através de

¹ Cultura aqui entendida como princípios instituídos em uma sociedade.

hortas; 2) criar essa relação entre o alimento e a criança; 3) ensinar os valores do cuidado, responsabilidade e o tempo de espera; 4) respeitar as identidades culturais, podendo servir na creche refeições que possam refletir as identidades culturais das crianças que a frequentam; 5) prezar por uma alimentação saudável. Em tal perspectiva, Seabra e Moura (2005), afirmam que não é só comida que a criança está recebendo. Ela começa a participar de um sistema de representações e saberes de sua cultura e durante os momentos em que a criança é alimentada, trocas interativas ocorrem e são importantes para que haja um conhecimento mútuo entre adultos e bebê. Ratificando o argumento, Barbosa e colaboradores (2013) destacam que a cultura do direito envolve as possibilidades que tem o sujeito de conhecer e escolher os alimentos e a essa capacidade de optar entre as alternativas existentes, de maneira instrumentalizada, consciente e deliberada.

A comida é um espaço de comunicação. Ela apresenta representações, sentimentos, emoções e formas de se inserir ao meio social. Quando os bebês começam a ter esse primeiro contato com a comida é onde sentirão novos sabores, sejam eles agradáveis ou não para o seu paladar. Eles vão conhecer diferentes texturas, mas para isso o alimento precisa ser servido de maneira apropriada e não tudo esmagado e misturado, é necessário que a criança possa sentir os sabores, que possa pegar com suas mãos e explorar de maneira livre. Nesse momento a criança vai passar a ter suas preferências e suas emoções. Alguns bebês podem chorar por não aceitar aquele alimento, outros choram por estar querendo muito e naquele instante, sem precisar esperar, muitos comem conversando (da sua maneira), até mesmo sorrindo, porque aquele momento é algo prazeroso para ela.

É nesse sentido que, segundo Amon e Maldavsky (2007), a comida manifesta identidade singular e coletiva, nas escolhas de cada um e nos sistemas de pertinência de cada cultura, e ao mesmo tempo funda a identidade, enquanto mantém o comedor em um sistema de significados, através de repetições diárias, horários, maneiras à mesa, etc.

Sendo assim, é pertinente considerar as instituições de Educação Infantil como espaços ricos em aprendizagens. Essas aprendizagens não são só aquelas que de alguma forma são registradas e consideradas como “atividades”, mas ocorrem em todos os momentos e, em especial, nos momentos de alimentação. Diante dessa constatação, no próximo tópico, abordarei sobre como a alimentação está presente no currículo, e que por fazer parte dele, esse momento precisa ser planejado e organizado como qualquer outro momento da jornada escolar das crianças.

2.1. ALIMENTAÇÃO E CURRÍCULO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Toda criança que nasce é uma indagação, um questionamento, pois carrega em si novos modos de agir, mesmo que essas ações não sejam como identificamos e imaginamos conforme nossas teorias. Nessa perspectiva, as crianças apresentam desafios à escola e ao currículo. Reconhecer as ações dos bebês faz com que o currículo da Educação Infantil e a ação do adulto sejam repensados, assim como identificar a singularidade que as crianças possuem. Richter e Barbosa (2010), ao afirmarem que os bebês interrogam o currículo, dão centralidade ao lugar das linguagens dos bebês. De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, em seu Artigo 9º,

os eixos estruturantes das práticas pedagógicas dessa etapa da Educação Básica são as interações e a brincadeira, experiências nas quais as crianças podem construir e apropriar-se de conhecimentos por meio de suas ações e interações com seus pares e com os adultos, o que possibilita aprendizagens, desenvolvimento e socialização. (BRASIL, MEC, 2017, p. 37).

Reconhecendo então que interação faz parte do eixo estruturante das práticas pedagógicas, afirmo que a alimentação é parte muito significativa do currículo, pois é um dos momentos, durante a jornada da criança na escola de Educação Infantil, onde há mais interação entre eles, seja entre a professora e a criança, criança com outra criança e até mesmo da criança com o alimento. Essa interação acontece desde o momento em que a professora anuncia que está na hora de começar a organização da sala e das crianças, onde é colocado o bibeiro e a professora dialoga explicando o que está fazendo e o porquê, até o momento em que acaba a alimentação e é preciso fazer a higienização, troca e seguir para a próxima etapa do dia. Então, seguindo o que diz nas DCNEI, que interação proporciona aprendizagens, desenvolvimento e socialização, por que não ver os momentos de alimentação como parte do currículo? Sendo que alimentação é uma forma de socialização, onde todos se reúnem, conversam, por que com as crianças não é visto da mesma forma? Por que com as crianças, na maioria das vezes, acontece de forma mecanizada?

Currículo na Educação Infantil é isso, contemplar o todo, contemplar o cotidiano das crianças. E nesse cotidiano o que mais ocorre no decorrer do dia na escola é a alimentação, as crianças são alimentadas várias vezes ao dia, principalmente os bebês. E essa repetição ficará gravada para a criança, porque é nessa relação com a professora que iniciam algumas aprendizagens, como conhecer e sentir a textura desses novos alimentos, pegar a colher e seguir em tentativas até levar a comida para a boca, entre outras. Então as aprendizagens vão afetar diretamente no desenvolvimento dessa criança como sujeito. Por isso que o momento de alimentação faz parte do currículo e precisa ser planejado, assim como todos os outros momentos do cotidiano.

Ainda segundo as DCNEI, currículo é o conjunto de práticas que buscam articular as experiências e os saberes das crianças com os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural,

artístico, ambiental, científico e tecnológico, de modo a promover o desenvolvimento integral de crianças de 0 a 5 anos de idade (p. 13, 2010). Essas práticas são efetuadas através das relações sociais estabelecidas pelas crianças com as professoras e com as outras crianças, e influenciam a formação de suas identidades. Planejadas e avaliadas, as práticas que compõem o cotidiano nas escolas de Educação Infantil precisam ponderar a integralidade e indissociabilidade das dimensões afetivas, cognitivas, linguísticas das crianças, além de indicar as experiências de aprendizagens que serão proporcionadas junto às crianças, e realizar através de modalidades que garantam os objetivos educacionais do projeto pedagógico.

De acordo com Richter e Barbosa (2010), os bebês sabem muitas coisas que nós culturalmente não conseguimos ainda ver e compreender, e portanto, reconhecer como um saber e as suas formas de interpretar, significar e comunicar emergem do corpo e acontecem através dos gestos, dos olhares, dos sorrisos, dos choros, enquanto movimentos expressivos e comunicativos anteriores à linguagem verbal. Assim constituem, simultâneos à criação do campo da confiança, os primeiros canais de interação com o mundo e os outros, permanecendo conosco e no modo como estabelecemos nossas relações sociais.

As singularidades dos bebês demandam um planejamento muito bem elaborado da jornada, visto que há uma grande potência e ao mesmo uma pluralidade no mesmo grupo. Ao mesmo tempo que há bebês brincando, outros precisam dormir, ou ser trocados, até mesmo se alimentar. Isso exige um currículo no qual o foco seja uma ação pedagógica capaz de oferecer diversas experiências, com intencionalidades que favoreçam narrativas que deem sentido à vida. Por isso, que, segundo Richter e Barbosa (2010), as crianças pequenas solicitam as professoras uma pedagogia sustentada nas relações, nas interações e em práticas educativas intencionalmente voltadas para suas experiências lúdicas e seus processos de aprendizagem no espaço coletivo, diferente de uma intencionalidade pedagógica voltada para resultados escolares individualizados.

O momento da alimentação deve ser retratado como um componente pedagógico na escola, fazendo parte efetivamente das propostas do currículo, assim oportunizando diálogos que possam enriquecer reflexões e viabilizar o espaço escolar como um meio de contribuir com ações transformadora para o cotidiano. A partir disso, devemos pensar na autonomia durante esses momentos, para oportunizar que a criança seja a protagonista.

A autonomia no ponto de vista da enação é o fato de pensar na existência do eu e do outro. Ela é uma existência de exterioridade e uma interioridade, no sentido de saber o que é ela no mundo e o que é o mundo fora dela, e a sensorialidade (todos os sentidos) remete a uma autonomia, que pode ser chamada de “primária”, na qual é uma autonomia no sentido não de fazer as coisas sozinho, mas de distinguir as coisas que estão ao seu redor, o que acontece em seu entorno, se identificar e

identificar o que não é ela, o que é outra criança ou objeto. E, posteriormente, com a influência da cultura, essa relação da autonomia estará ligada com o meio, associada com o ambiente, sendo afetada por ele, mas também afetando esse ambiente. Além disso, a autonomia acontece conforme demanda o ambiente, possibilitando assim o seu desenvolvimento. Esse ambiente é tanto onde se está inserido, como a cultura, assim como nos momentos de alimentação, entender o que está comendo, onde está comendo e o porquê, saber suas preferências. É nesse sentido que, segundo Baum e Kroeff (2019), autonomia significa que somos agentes autônomos que ativamente geramos e mantemos uma identidade, atuando em seus próprios domínios cognitivos.

Diante dessas considerações, Barbosa *et al.* (2013) apresenta uma concepção de currículo como uma construção coletiva das ações e trabalhos pedagógicos a serem desenvolvidos na escola a partir das demandas reais. Nesse sentido, abordar o currículo é oportunizar às crianças a significação dos saberes e conhecimentos propostos na Educação Infantil, garantindo os direitos de aprendizagem e a vivência plena da infância. Essa proposta curricular permite o protagonismo da criança na construção do conhecimento ao orientar experimentações e experiências, habilidades e competências.

Nesse posicionamento, Barbosa (2009), afirma que os debates sobre temas relacionados às práticas sociais fazem parte do currículo das crianças pequenas, pois são conteúdos culturais centrais na vida de um bebê. Logo, dar visibilidade a esses saberes e práticas é a primeira tarefa que precisamos realizar para desencadear propostas curriculares de educação das crianças pequenas que garantam sua aprendizagem e bem-estar. Seguindo essa lógica, o momento da alimentação é considerado de fato no currículo da Educação Infantil, pois é uma prática pedagógica que deve ser estabelecida durante a jornada escolar, assim acrescentando significação às aprendizagens.

Posto isso, as práticas que envolvem a alimentação, precisam ser problematizadas, não só pensando em ensinar nomes dos alimentos, mas pensar no cuidado com o corpo sendo também um conteúdo educacional, para ver o cotidiano como potente de aprendizados. É preciso pensar na estética do alimento, na maneira como o prato é servido e como é oferecido para a criança, e trazer os alimentos de outras formas para as crianças, não apenas nos momentos de alimentação (preparar uma receita, por exemplo, onde os bebês possam explorar os ingredientes e provar quando estiver pronto). Diante dessa constatação, na próxima seção, abordarei as aprendizagens da vida cotidiano dos bebês durante a alimentação.

2.2. ALIMENTAÇÃO NO BERÇÁRIO: APRENDIZAGENS DA VIDA COTIDIANA

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI), documento que bem como refere-se a criança como sua plenitude e a reitera como sujeito de direito, tencionam uma elaboração de currículo onde as práticas cotidianas estão inclusas. As diretrizes sustentam a ideia de que as propostas pedagógicas da educação infantil têm que considerar a criança, centro do planejamento curricular, como sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva (Brasil. DCNEI, 2009, art. 4º).

O cotidiano é de uma enorme potência e presume a compreensão das ações e das aprendizagens. Considerando a escola como um lugar de socialização, principalmente ao falarmos das crianças bem pequenas², onde acontecem os encontros com o outro e com o mundo. Nesse sentido, Vasconcelos (2015), considera que o conteúdo de aprendizagem na Educação Infantil está relacionado às situações da vida cotidiana. Esse conteúdo contém conhecimentos importantes para as crianças durante sua infância e que servirão como andaimes para aprendizagens mais complexas.

Carvalho e Fochi (2016) comentam que o cotidiano da Educação Infantil subverte as perspectivas lineares. Isto é, não se trata de conceber uma ideia de primeiro sentir, depois pensar, depois comunicar, mas, ao contrário, de modo interdependente e circular, se sente, se pensa e se comunica como um mesmo processo tramado por vários fios. Ou seja, existe uma unidade de inteireza da vida constituída por várias camadas. Com isso é possível perceber como o adulto não pode limitar e nem supervisionar o pensamento da criança. As crianças compreendem além do que apenas é proposto pelos adultos durante o planejamento. As crianças fazem uso dos seus próprios meios, com seus pares, nas relações com os objetos e com os adultos.

E para amparar a diversidade de ações das crianças, devemos pensar uma nova didática na Educação Infantil. O envolvimento não deve ser apenas no ensino, mas direcionado em elaborar contextos oportunos para as inúmeras maneiras de aprender. Por esse motivo acredito nas práticas do cotidiano como vertente da ação pedagógica. Não é algo simples, mas para isso, como afirmam Carvalho e Fochi (2016) é preciso ouvir as crianças e observarmos as operações que ocorrem no interior das instituições, procurando encontrar devires minoritários que interrompem o que está dado pela ordem institucional.

Ratificando, Martins Filho (2013) alega que as professoras das escolas de Educação Infantil apenas focam no planejamento dos momentos denominados por atividades pedagógicas. Entretanto, a entrada, o parque, a higiene, a alimentação, e o sono, também necessitam ser prioritários e

² Definido pela Base Comum Curricular as crianças bem pequenas tem de 1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses.

contemplados por pensamentos que compreendam melhor a docência. Martins Filho também afirma que é importante planejar o tempo e o espaço, tanto das rotinas, quanto das relações e interações, fazendo com que o trabalho pedagógico se construa permanentemente na vida cotidiana. Com essas constatações, ressalto a indispensabilidade dos professores em propor momentos, possibilidades e tempo para que seja possível ter a experiência cotidiana de forma efetiva e de qualidade na Educação Infantil. Conseqüentemente, “o ensino de conhecimentos sistematizados e tradicionalmente vinculados à lógica escolar não dá conta do universo complexo dos mundos da infância” (BRASIL. MEC, 2009). A infância é muito mais que apenas preparar projetos e propostas. As crianças precisam vivenciar o seu cotidiano, precisam conhecer o mundo da sua maneira, seja brincando, olhando um amigo ou observando a professora; pequenos detalhes que podem passar despercebidos, mas que tem uma grande importância.

Ao abordar as práticas de alimentação como parte da rotina de uma escola de Educação Infantil, eu vejo como uma ação cultural a escolha dos alimentos, como as cadeiras são organizadas, o lugar onde acontece a alimentação – sala ou refeitório –, os talheres que são usados. Tudo isso faz parte da formação social e cultural. Assim como a maneira que iniciamos e finalizamos esse momento da alimentação, tudo isso faz parte de um ritual, diferente do que acontece em casa. Na escola, o ideal é organizar com a parceria das crianças, transmitir isso aos bebês.

Eu lembro que durante minhas experiências como auxiliar de professora de berçário em escolas particulares de Educação Infantil, os momentos de alimentação, na maioria das vezes, eram vistos com momentos conturbados, pelo fato de as crianças estarem chorando tanto de fome como de sono e não ter professoras suficientes para suprir essa demanda. Em uma das escolas, que é a que eu mais me recordo, éramos apenas eu e a professora no momento de alimentação e os bebês choravam muito por serem pequenos ainda e já estarem esperando por aquele momento. Foi a minha primeira experiência como estagiária em berçário, então conhecia apenas a teoria, pelas coisas que eu já havia lido e aprendido durante a graduação. Durante os momentos de alimentação lembro da professora sempre ficar muito agitada, tentando alimentar todos ao mesmo tempo e com os pés ir balançando a cadeirinha de quem já estava com sono, para que os choros fossem amenizando. Porque sempre que os bebês começavam a chorar a diretora da escola aparecia na nossa porta e perguntava o motivo de tanto choro e dizia que era para acalmá-los logo. No início eu fiquei muito perdida, queria alimentar com calma, mas ao mesmo tempo era pressionada a dar conta de vários bebês juntos.

Infelizmente, essas situações são bem comuns. Por ser estagiária não temos voz, não temos experiência, não podemos opinar. O que vale é o que a professora acha correto e o que a escola exige. O olhar dessas profissionais era voltado para a demanda da escola e dos pais. Comentavam

que os pais não podiam ver nas câmeras seus filhos chorando. Mas e as crianças, quem olha para elas? Quem pensa nessas? Quem planeja para elas? Isso sempre me incomodou e ainda me incomoda.

No entanto, no meu semestre anterior 2019/2 durante meu estágio obrigatório de docência do curso de Pedagogia em uma escola municipal, tive uma experiência completamente diferente e que me inspirou muito para esse estudo. Eram dezoito bebês para uma professora, duas educadoras e eu. Os momentos de alimentação aconteciam naturalmente, quando a comida ou o lanche chegava nós íamos chamando aos poucos, um por vez para cada educadora, enquanto isso os outros seguiam o que estavam fazendo, alguns brincando, outros dormindo. Era um dos momentos em que eu mais tinha proximidade com eles, que consegui criar um vínculo e passar confiança para os bebês. Porque até então eu era uma adulta diferente ali com eles. Esses momentos foram bem importantes, pude conhecer melhor os bebês, assim como eles puderam me conhecer. Também aprendi muito com a professora e educadoras, pois elas tinham todo um cuidado, havia um planejamento para esse momento. O bebê era colocado sentado na cadeira de alimentação, depois o bibeiro e logo começava a alimentação, mas sempre dialogando, falando sobre o que está sendo oferecido, perguntando o que a criança estava achando daquele alimento, daquele momento. Muitos pediam água durante a alimentação, e tudo bem, cada um que pedia ficava com o seu copo.

Via nas professoras durante meu estágio muito afeto naquele momento, um olhar cuidadoso e atento, preocupação com o bem estar e com o desenvolvimento de cada criança. Era nítido que a criança era a protagonista daquele momento, ela tinha a liberdade para querer mais ou não. Em poder dormir e comer mais tarde. Havia uma rotina, horários, mas não precisavam ser seguidos rigidamente. Tudo dependia da criança e o que estava sendo demandado naquele momento. Barbosa (2010), menciona o que é definido como pedagógico na creche não é vivido apenas através de propostas de atividades dirigidas, mas principalmente na imersão em experiências com pessoas e objetos, constituindo uma história, uma vida coletiva significativa. Diante disso, os momentos da alimentação não se referem apenas ao cuidado com corpo, mas também nutre os vínculos e as perspectivas de bem estar das crianças. Simultaneamente, o planejamento desses momentos de alimentação e o respeito por cada singularidade das crianças fazem parte da docência na creche.

Seguindo a mesma lógica, Schmitt (2014) afirma a urgência de uma docência mais complexa na educação das crianças de 0 a 3 anos, isto é, uma ação docente implicada não apenas com aquilo que a professora faz com as crianças pequenas, mas concomitantemente ligada com uma organização de tempo e espaço que acolhe e apoia as ações e interações delas consigo mesmas e entre pares. Sendo assim, vemos aqui a indissociabilidade do cuidado com as práticas de educação, pois as maneiras sociais de cuidar de si, do outro e do ambiente se constituem em ações pedagógicas no

cotidiano na Educação Infantil. O cuidado sempre deve estar presente nos momentos ao longo da jornada escolar. O olhar atento, o toque suave, o diálogo, o respeito, são formas de cuidado e sem eles as práticas perdem o sentido, pois dessa forma é criado o vínculo e a confiança entre professoras e crianças. São essas as maneiras como contribuimos para a formação dessa criança como sujeito.

A forma como é organizada e servida cada refeição é parte significativa no planejamento da jornada diária. Disponibilizar uma fruta cortada de um modo como a criança possa segurar e sentir sua textura, poder observar suas cores e assim comer sem depender de um adulto, isso expressa levar em consideração os bebês enquanto sujeitos ativos em seu processo educativo. Portanto, noto o objetivo de gerar situações de aprendizados, experimentações, caracterizando a finalidade pedagógica.

Normalmente, a professora é quem designa como as crianças vão ser alimentadas, o que será oferecido e a quantidade. Nessas situações as crianças não possuem a chance de saber o que estão comendo, e nesse sentido eu me pergunto: qual a visão que as crianças irão criar em relação ao momento da alimentação na escola? Acaba perdendo todo sentido, esse momento é para ser de aprendizagens positivas e não algo mecanizado, como discutido anteriormente. Isso faz com que as crianças apenas participem do ato de abrir a boca, mastigar e engolir e não de se alimentar de forma prazerosa e cheia de experiências. Bem como, Carvalho e Fochi (2017) argumentam que é por meio do cotidiano que temos a possibilidade de encontrar o extraordinário no ordinário vivido diariamente pelas crianças, afinal, é da garantia dos direitos da infância que estamos tratando quando defendemos uma pedagogia que mobilize os adultos a estarem com as crianças para podermos transformar esse percurso em uma longa e bonita jornada.

Conforme Barbosa (2010), durante a alimentação, as crianças ficam envolvidas com a ação dos adultos. Porém algumas vezes, conforme a configuração dos móveis pode ser um momento de grande socialização e vida coletiva. Em geral, as crianças participam com muita alegria deste momento que é muito mais do que uma necessidade fisiológica, pouco a pouco substituindo uma dependência na alimentação por situações de alimentação coletivas. Um exemplo citado pela autora é ofertar uma fruta amassada, mas também dar um pedaço grande, para o bebê explorar, colocar na boca, comer, para finalmente tornar-se uma ação autônoma das crianças. No momento em que compreendemos menos sobre o funcionamento do nosso corpo e nossa alimentação, impossibilitamos que as crianças tenham o direito de aprender e entender o que o corpo delas precisa.

Em tal direção, Lessa (2011) menciona que é no modo de agir, na forma imperativa de falar e na autoridade do professor que a regularidade se transforma em hábito coletivo. Assim como na forma como a educadora solicita silêncio e confisca o prato do aluno, aos poucos as regras e disciplinas são consolidadas, e, posteriormente, a ordem de silêncio promove a conduta do grupo, apresentando

limites de movimentos, gestos e falas e, por fim, tornando o silêncio nos momentos de alimentação nas escolas, hábito coletivo. E no berçário, como relata Oliveira (2019), a alimentação se tornou um campo de disputa e muitas vezes de humilhação e punição da criança, tanto em casa como em ambientes coletivos, sendo por ameaças, frases grosseiras e castigos, ou ainda, o aprisionamento dos corpos em bebês conforto ou as tais mesas em que há cinco ou seis buracos e em que os bebês recebem sua porção de alimento em série.

Nesse contexto, a professora precisa ter prudência ao transformar o momento de alimentação em algo mecânico e repleto de regras. Visto que a criança é capaz de estabelecer resistência durante o ato de comer e também não aceitar alimentos novos, isso pode acarretar em significados negativos durante esses momentos, o que não é o ideal. Barberini (2015), reitera que todos esses aspectos de negação e punição podem ocasionar problemas alimentares, já que é nessa fase da vida que muito se aprende sobre hábitos alimentares que passarão para o cotidiano das crianças, atual e futuramente. Além disso, a autora Barberini (2015), retoma a ideia de que nem sempre as crianças irão comer tudo o que se apresenta no prato e nem sempre se sentirão entusiasmadas em experimentar algo novo, e não é porque estão em ambiente coletivo que todas as crianças deverão agir da mesma maneira, fazer tudo ao mesmo tempo e da mesma forma.

Os aprendizados durante a alimentação vão ocorrendo mediados pelo diálogo e ligações afetivas. Mesmo que essas vivências não abranjam os padrões convencionais de ensino (o ensinar de maneira transmissiva, “dar” o conhecimento), de outro modo, os verbos que podemos usar para a ação pedagógica com os pequenos deveriam ser, segundo a Barberini (2015), oferecer, trocar, dialogar (seja com o corpo ou com a fala verbal), propor, esperar, encorajar, garantir, observar, dentre tantos outros que exprimem uma intencionalidade educativa respeitosa e conhecedora das especificidades da pedagogia na primeira infância. No momento em que professora se faz presente nesses momentos de alimentação e dá total atenção a que criança que é alimentada, ela consegue lhe proporcionar uma melhor experiência daquele momento, onde ela pode dialogar, mostrar, oferecer o alimento, assim como perceber e sentir como a criança está nesse momento. São ações necessárias para o protagonismo da criança na alimentação e para que ela tenha um momento agradável e rico em sensações. Tristão (2004) aponta que a experiência educativa com os bebês é marcada pela sutileza das ações cotidianas, seja no toque, no olhar, na fala, na entonação da voz, na espera atenta ao momento do outro, na postura, na presença não invasiva, no encorajamento a experimentar o mundo e a construir autoconfiança. Sendo assim é papel da professora explorar caminhos de como se relacionar com as crianças, considerando a dimensão afetiva e dialógica no seu desenvolvimento e propiciando uma experiência de educação que fomente a autonomia, a segurança, a criação e alegria de estar no mundo.

Pesquisando sobre a alimentação e aprendizagens, se torna claro a indispensabilidade de planejar estratégias que modifiquem as ações docentes nas escolas de Educação Infantil. É importante se referir à alimentação como um dos momentos que compõem as práticas das professoras, requerendo dedicação referente às vivências que estão compartilhadas e trocadas nesse espaço. Portanto, é inquestionável que o momento da alimentação na escola é provido de muitos conhecimentos, tanto sociais como individuais. Para tanto, é preciso que as professoras desenvolvam uma observação minuciosa em relação aos sentidos, gestos e expressões que são mostradas pelas crianças durante a alimentação.

Acredito que o cotidiano é fundamentado por um vasto e diversificado conjunto de ações significativas que são partilhadas na Educação Infantil. Portanto, é preciso pensar em uma pedagogia que seja atenta e considere as crianças como protagonistas e que o tempo de cada criança seja respeitado. Em vista disso, no próximo tópico, abordarei sobre a Pedagogia da Comida na creche.

2.3. POR UMA PEDAGOGIA DA COMIDA NA CRECHE

A alimentação é cheia de significados. Tudo que comemos e gostamos fazem parte da nossa experiência cultural. Ela também é componente da formação de aprendizados feitos durante a vida sobre os alimentos. Por esse motivo, Amaro (2002), argumenta que as aprendizagens que são edificadas sobre alimentação também são construídas em ambiente escolar, uma vez que a prática de comer na escola é uma das marcas das escolas brasileiras. Diariamente ocorre a preparação dos alimentos e sua distribuição aos alunos, turmas são organizadas para as refeições e sua rotina escolar é definida conforme os horários de alimentação. Posto isto, a alimentação não pode ser vista como uma proposta isolada. É preciso ser entendida como um dos elementos do planejamento pedagógico, por ser um aspecto curricular na Educação Infantil. O ato de se alimentar integra uma função que reconhece a criança como um sujeito protagonista, que constitui sua aprendizagem e que compartilha com o meio no qual está inserido socialmente.

Em vista disso, uma Pedagogia da Comida precisa ser pensada pela escola em relação às experiências da alimentação na vida coletiva e de que maneira essa articulação tem se constituindo. Quanto ao espaço escolar da Educação Infantil, é preciso entender como o comer pode contribuir, se ele é visto como um espaço apenas para a alimentação ou um espaço onde se atribui aprendizagens. Mas o que ocorre nas escolas está mais além. Montanari (2013) alega que a comida expressa a cultura também quando é preparada e consumida, e que os gostos, comidas prediletas fazem parte das construções sociais que a população constrói. Nisso, podemos perceber que o momento de alimentação não é apenas dar comida às crianças, mas inseri-las na cultura, através dos gestos,

olhares e conversas, e oportunizando que a criança também possa fazer parte desse momento e de modo que faça sentido a ela.

A Pedagogia da Comida é definida como as práticas do comer compartilhadas coletivamente. Então essas ações durante a alimentação precisam ser pensadas, como qualquer outro momento, como qualquer outra pedagogia. Ela também faz parte dos planejamentos pedagógicos das escolas de Educação Infantil, sendo um modo de constituir conhecimento, para que ela possa ser elaborada, reelaborada, organizada e reorganizada de maneira com que as crianças vejam a alimentação como um momento acolhedor e importante, tendo em vista que as práticas conquistadas durante a infância são levadas para toda a vida, sejam elas boas ou não.

Desde o berçário, é necessário ter uma organização, um planejamento, um método de como a alimentação precisa ocorrer. Ela não deve ser feita de maneira mecânica, e graças a sua familiaridade com as crianças, a professora pode criar estratégias para que o momento de alimentação ocorra da melhor maneira possível. Conforme aponta Holland (1999), as refeições e o ato de alimentar-se faz parte do trabalho que valoriza a criança como um sujeito ativo, que constrói seu conhecimento e que interage com o meio físico e social no qual está inserido.

Em relação à alimentação dos bebês é preciso pensar em todos os detalhes, que muitas vezes podem passar despercebidos. No berçário o momento de alimentação precisa ser planejado, mas simultaneamente flexível. Durante esse momento alguns bebês podem estar dormindo e não vão precisar ser acordados, pois o bebê quando está com fome avisa e chora. Se ele está dormindo é porque ele quer estar dormindo e ao acordar pode ser alimentado. É preciso respeitar o tempo do bebê. Sobre o tempo, também é importante destacar que quando a alimentação está ocorrendo cada bebê levará um certo tempo para se alimentar, alguns mais e outros menos. Para isso, o olhar atento e cuidadoso é crucial, entender se a criança precisa de mais alimento, se já está satisfeita, se quer água, visto que nem todos os bebês já dialogam de forma evidente. Seguindo a mesma lógica, Oliveira (2019) pondera que:

o adulto deve prestar atenção aos sinais de saciedade do bebê não insistindo para que ele exceda seu limite. Permite com este ato respeitoso que, mais adiante, a criança continue se alimentando sem extrapolar o limite de sua fome. (OLIVEIRA, 2019, p. 31)

Outro ponto importante durante a alimentação no berçário é que cada professora atenda um bebê por vez, estando totalmente entregue àquela criança, naquele momento. São nesses momentos que os vínculos são fortalecidos e cria-se segurança entre crianças e adultos. Em vista disso, Staccioli (2018, p. 61) afirma que: “o momento de comer torna-se uma ação diária fértil e agradável tanto para a criança quanto para o adulto que está com ela e com os colegas que estão à mesa com ela”. Nesse contexto, além dessa atenção individual é essencial que haja diálogo durante a alimentação, assim

como em qualquer outro momento, mas que a criança possa entender o que é aquele momento, o que está sendo ingerido e perceber a relevância daquele momento para si e para seu corpo. A participação da criança durante esses momentos é indiscutível. Ela precisa ter a liberdade de pegar os alimentos para descobrir as texturas e não apenas o sabor, e em seguida ter domínio da colher e se alimentar sozinha. Diante disso, Guimarães e Arenari (2018) apontam que:

a organização do lanche e a forma de servir o alimento emergem como elementos importantes no planejamento do trabalho cotidiano. Oferecer uma fruta cortada em um formato que permite às crianças segurá-la, sentindo a sua textura, a temperatura, olhando suas cores, saboreando-a e comendo independentemente da ajuda do adulto, significa considerar os bebês enquanto sujeitos na relação educativa. Dessa forma, vemos o intuito de criar oportunidades de aprender, experimentar, marcando a intencionalidade pedagógica. (GUIMARÃES; ARENARI, 2018, p. 11)

É pensando nessas práticas que podemos organizar o momento da alimentação na escola e o modo como ele pode ser desenvolvido. Como organizamos a mesa, o modo como manipulamos os utensílios, a maneira que o alimento é oferecido e servido e, essencialmente, quem faz parte dessa metodologia (como as professoras e a equipe gestora da escola): todos estão ligados de uma maneira a realizar uma Pedagogia da Comida. Uma pedagogia que investiga sobre as vivências da alimentação no coletivo e sobre seus princípios.

É comum que antes do horário da alimentação as crianças estejam brincando, seja na sala ou no pátio. Também não é necessário que todas as crianças entrem ao mesmo tempo, até porque a alimentação será feita uma por uma. Então por que não deixar as que estão adorando o brincar continuar aproveitando e apenas ir chamando as que já serão alimentadas? Chamar todos para a alimentação faz com que eles entendam que todos serão alimentados. As crianças vão chorar por querer comer ao mesmo tempo e isso pode ser evitado se as educadoras tiverem uma organização de forma que todos os bebês sejam atendidos, mas que também os bebês possam continuar sua brincadeira ou o que estejam fazendo. Isso retoma a questão de perceber os diferentes tempos das crianças, algumas já estarão com fome e, com certeza, vão solicitar por essa refeição, enquanto outras vão seguir brincando e logo depois a alimentação será requisitada por eles.

Do mesmo modo que esse momento precisa ser planejado o espaço onde acontece a alimentação também deve ser pensado e organizado adequadamente. A mobília precisa ser apropriada para os bebês para que eles não sentem em cadeiras altas onde seus pés não toquem o chão, que foram feitas pensando nos adultos e não nas crianças. Segundo Oliveira (2018) é importante que os pés das crianças alcancem o chão para favorecer o processo de equilibrar a colher. Sendo um dos objetivos que está inclusa na concepção que vincula o educar e cuidar na Base Comum Curricular da Educação Infantil, a autonomia precisa começar durante esses momentos. Mas para isso é preciso pensar onde as crianças serão alimentadas, não apenas deixá-las em cadeiras altas e com cinto,

impedindo seus movimentos. E quando na escola não há condição de comprar mesas e cadeiras adequadas é possível se adaptar a sua realidade e alimentar no colo. De acordo com Oliveira (2018, p. 33) “as vantagens da alimentação no colo são evidentes, os bebês aceitam melhor os alimentos, progressivamente começam a reconhecer o que estão comendo e tem maior interesse em pegar a colher e levá-la a boca”.

Ao mesmo tempo, também é fundamental atentar-se ao modo como a comida é preparada e servida. É indispensável pensar na qualidade e na quantidade. Um prato colorido, com variedades de alimentos será bem mais atrativo do que um prato onde a comida foi toda misturada. Até mesmo na hora de provar, a criança vai sentir apenas um sabor e não o sabor de cada alimento, dificultando na identificação dos mesmos e com isso causando até a rejeição de certos alimentos. Além disso, Oliveira (2018) sustenta que:

um pote cheio de alimento pode causar desânimo, pois nesta fase, levar a colher na boca é um esforço motor e também mental. Exige concentração e atenção para várias ações coordenadas: colocar o alimento na colher, levar à boca, mastigar, engolir e repetir a ação quantas vezes quanto necessário até que se esteja satisfeito. (OLIVEIRA, 2018, p. 35)

A quantidade de alimento servido também é um fator importante. O ideal é criança poder receber uma porção pequena e ter a oportunidade de repetir. Isso interfere diretamente na construção da autonomia, e ao mesmo tempo que a quantidade pode auxiliar, também pode prejudicar.

Para Barberini (2015), é assim que a pedagogia da comida precisa ser pensada: em momentos nos quais a alimentação assume valor especial na experiência de vida das crianças, construindo novas dimensões de vida pessoal. Para que isso ocorra, é necessário que a alimentação seja encarada como algo que vai além de nutrir o corpo: necessita ser implantada e incentivada. É preciso que seja questionado o motivo pelo qual os alunos não comem determinado alimento, buscando diferentes formas de recolher dados e responder com propostas pedagógicas que satisfaçam o desejo do aluno em aprender e o do professor em ensinar sobre assuntos que fazem parte do dia a dia das crianças. Assim, com essas atitudes, a ética com a Educação Infantil será privilegiada e a aprendizagem será constante.

Para finalizar, nas palavras de Staccioli (p. 72, 2018): “as rotinas não são apenas uma incumbência necessária, mas oferecem a oportunidade de tornar a vida cotidiana interessante e enriquecedora, pelo hoje e pelo amanhã”. Diante disso, destaco que as escolas de Educação Infantil atuam como um lugar de educação e cuidado. Por esse motivo os momentos de alimentação ao mesmo tempo que fazem parte da jornada escolar também compõem as práticas educativas. Esses momentos propiciam que tanto as crianças quanto os adultos consolidem o diálogo e o vínculo um com o outro, pois as ações de ensino e aprendizagem não estão relacionadas apenas em propostas, mas também, e sobretudo, na afetividade que professoras e crianças construíram.

3. TRAJETÓRIAS INVESTIGATIVAS

O objetivo do presente capítulo é descrever a metodologia dessa pesquisa, esclarecendo a relevância da estratégia escolhida, a entrevista e as especificações na seleção das professoras para a realização da mesma. Uma entrevista, sendo ela bem formulada, é capaz de criar uma oportunidade única de reflexões sobre as práticas das professoras, podendo também construir possibilidades e desenvolver respostas em relação ao tema em pauta.

3.1. ENTREVISTA COMO METODOLOGIA DE PESQUISA

Para Becker (2007), ser professor não é ter apenas a função de ensinar, mas sim (re)construir conhecimentos. É exatamente isso que um pesquisador faz, pois um conhecimento não se inicia do zero e nem tem uma forma definitiva. Sendo assim, uma das funções docentes é pesquisar. Para isso, é indispensável investigar e se constituir de novas perspectivas de aprendizagens. Investigar é um meio para que novos conhecimentos sejam elaborados a respeito de um determinado assunto. Nessa pesquisa tenciono uma investigação para encontrar elementos que respondam à questão do estudo: qual a importância do momento da alimentação no berçário e qual o papel da escola de Educação Infantil e das professoras durante esse momento?

Alasuutari (1995 *apud* Sampaio, 2005) aponta que “o plano de pesquisa geralmente delinea uma afirmação crua e geral do problema em questão: as questões mais detalhadas do porquê desencadeiam-se apenas na análise do material” (p. 135). Ao definir o problema de pesquisa estamos contribuindo na definição do método da pesquisa. São as informações que precisam ser obtidas que definem o método mais apropriado, para assim encontrar os elementos necessários. Com base nisso, tendo o problema de pesquisa e objetivos de estudo determinados, escolhi a entrevista como ferramenta metodológica para a construção de informações da pesquisa.

A entrevista é uma estratégia usada quando há uma demanda de informações que não disponham em outras fontes seguras. Esse tipo de estratégia procura descrever o contexto de ações ligadas aos sentimentos e valores, adquirindo conhecimentos, sejam de fatos de um passado próximo ou não, materiais e informações que não são possíveis de localizar, e que não foram registrados em nenhum lugar. Conforme Sampaio (2005, p. 40), a entrevista tem “pretensão de fazer emergir questões relacionadas à constituição narrativa das identidades”.

A entrevista é importante para minha pesquisa devido ao meu tema e da questão de pesquisa. É uma forma de compreender a importância do momento de alimentação no berçário e qual a melhor maneira de pensar e planejar esses momentos. Através da entrevista, eu quero ouvir as professoras para saber qual o olhar delas sobre os bebês durante a alimentação, o que é essencial na organização desse momento na rotina, como acontece o planejamento junto a equipe escolar (direção, cozinha e nutricionista) e quais especificidades dos momentos de alimentação dos bebês no berçário. Para isso foi preciso elaborar um roteiro de perguntas para ter novos dados, abrangendo a opinião das professoras. De acordo com Rosa e Arnoldi (2006), as entrevistas podem ser classificadas em: estruturadas, semiestruturadas e livres.

A entrevista estruturada apresenta perguntas formalmente organizadas, seguindo uma sequência igual para todos entrevistados, tencionando coletar informações com respostas breves e diretas, relacionadas a fatos, comportamentos, sentimentos, crenças e valores, embora nem sempre chega-se ao resultado esperado pelo tipo de elaboração. As entrevistas estruturadas podem ser: programadas ou não programadas. A programada tem a finalidade de constatar e analisar os dados facilitando no uso de porcentagem e estatística no resultado, e por terem respostas mais objetivas não há muita margem a discussões.

Já a entrevista semiestruturada emprega termos familiares nas questões e não há uma determinada sequência, e a análise é realizada por meio de perguntas em comum que permitem que as respostas sejam comparadas. A entrevista semiestruturada permite uma maior liberdade ao sujeito, oportunizando desenvolver e dialogar sobre as suas reflexões e pensamentos acerca do assunto em pauta. Ela apresenta perguntas mais aprofundadas e, mais pessoais mediante pontos escolhidos em que a elaboração pode ser flexível, tornando o desenvolvimento da entrevista mais espontâneo.

Para finalizar, temos a entrevista livre que não exige um roteiro de perguntas. A narrativa que acontece nesse tipo de entrevista é sem a intervenção do entrevistador no momento de coletar as informações, oportunizando que o entrevistado desenvolva suas ideias de acordo com o que lembra e como lembra, selecionando o que deseja descrever.

Perante essas ponderações, defini a entrevista semiestruturada como método, com uma listagem de questões, mas sem ordem predeterminada, possibilitando que as entrevistadas comentem, pensem e exponham os fatos que julgam pertinentes para o conteúdo da pesquisa. A análise foi iniciada partindo de contraposições de respostas comuns, contudo a maioria das respostas analisadas particularmente, dado que o propósito inicial é saber como acontece o momento de alimentação no berçário através dos relatos das professoras, podendo ter uma visão geral e assim compreender a importância desse momento na rotina da Educação Infantil.

Posto isso, na próxima seção será explicado os critérios de seleção das professoras para a entrevista, assim como os dados das mesmas e o protocolo de realização das entrevistas.

3.2. A SELEÇÃO DAS PROFESSORAS ENTREVISTADAS

De acordo Rosa e Arnoldi (2006), o que tem maior peso na seleção dos entrevistados, de entrevistadores e da estratégia é a informação que avalia ser importante, relacionada à temática e as intenções. Ou seja, é preciso selecionar os entrevistados em conformidade com o conhecimento que procura atingir. De acordo com meu tema e por ter optado pela realização de entrevista para adquirir os dados que são relevantes para a pesquisa, estabeleci critérios para determinar as professoras selecionadas para a entrevista.

A partir do objetivo da minha pesquisa, que é de compreender a importância do momento de alimentação no berçário e qual a melhor maneira de pensar e planejar esses momentos, meu primeiro critério foi selecionar professoras atuantes em escolas de Educação Infantil e que já trabalharam ou trabalham no berçário, ou seja, crianças de 0 à 2 anos. E essas professoras foram escolhidas por serem conhecidas por mim e pelo meu orientador, Rodrigo Saballa de Carvalho, assim facilitando o contato para a entrevista.

Tabela 1 – Apresentação das professoras participantes da pesquisa

Idade	Formação	Tempo de atuação docente	Tempo de atuação como professora de berçário	Atua em rede pública ou privada
P1 38 anos	Graduação: Pedagogia Pós-graduação: Especialização em Educação Infantil	19 anos	8 anos	Pública
P2 41 anos	Graduação: Pedagogia Pós-graduação: Especialização em docência na Educação Infantil e Especialização em processos educativos para o aprender	7 anos	2 anos	Pública
P3 52 anos	Graduação: Pedagogia Pós graduação: Especialização em Educação Infantil	6 anos	5 anos	Pública

P4 42 anos	Graduação: Pedagogia Pós-graduação: Psicopedagogia	11 anos	4 anos	Pública
P5 23 anos	Graduação: Pedagogia	7 meses	7 meses	Privada
P6 38 anos	Graduação: Pedagogia Pós-graduação: Especialização em Educação Especial, Infantil e TGD e Especialização em Gestão Escolar	15 anos	12 anos	Pública

Fonte: Elaboração própria

Como pôde ser visto na tabela anterior, optei por professoras de diferentes idades, sendo que a média de idade delas é de 39 anos. Escolhi também pensando no tempo de atuação com turma de berçário, tendo potencial para uma análise onde pudesse ser nítido se há diferença no ponto de vista conforme o tempo de trabalho, se esse olhar vai se aprimorando e sendo capaz de perceber o verdadeiro sentido dos momentos de alimentação. Outro ponto a ser observado é que dentre todas entrevistadas apenas uma é de escola privada; as outras trabalham em escolas públicas, sendo essas escolas do estado do Rio Grande do Sul, dos municípios de Porto Alegre, São Leopoldo e Novo Hamburgo, com exceção da entrevistada P4 que atua em Fortaleza no estado do Ceará. Todas as professoras entrevistadas são formadas em pedagogia, e apenas uma ainda não tem especialização por ter se formado recentemente.

Segundo Rosa e Arnoldi (2006 p. 43), “o Protocolo de Entrevista é um documento que contempla à sua descrição em seus aspectos fundamentais, às informações relativas aos sujeitos da entrevista, à qualificação do entrevistador e a todas as instâncias responsáveis”. Sendo assim, no protocolo deve conter as perguntas que integram a entrevista. Para a estruturação dessas perguntas, o pesquisador precisa dominar o assunto que está abordando e permitir abertura para novas indagações que poderão aparecer durante a entrevista.

Como consequência dessas constatações, estruturei a minha entrevista com questões associadas ao intuito dessa pesquisa, de compreender o quanto os momentos de alimentação são importantes na rotina dos bebês, que cada gesto tem uma intencionalidade e como esses momentos podem ser organizados para serem acolhedores e significativos no desenvolvimento dessas crianças.

Tabela 2 – Questões da entrevista

Tema abrangente	Perguntas
Relações entre alimentação e cultura	1. Como você percebe a relação entre alimentação e cultura?

<p>Modos de organizar os momentos de alimentação dos bebês</p>	<p>2. Como são organizados os momentos de alimentação do seu grupo no berçário?</p> <p>3. O que você considera essencial na organização dos momentos de alimentação dos bebês? A rotina institucional interfere na organização dos momentos de alimentação?</p> <p>7. Como você encaminha os momentos de alimentação, tendo em vista a singularidade dos bebês? Explique de que modo isso ocorre.</p>
<p>Relações das professoras com os bebês durante as práticas de alimentação</p>	<p>4. Como ocorre a sua relação com os bebês durante a alimentação?</p> <p>6. Quais são as especificidades dos momentos de alimentação dos bebês no berçário?</p>
<p>Currículo e alimentação</p>	<p>5. Em sua escola existe algum planejamento dos momentos de alimentação com a equipe da cozinha, nutricionistas, famílias etc.? Em caso afirmativo, explique como isso ocorre. Em caso negativo, explique se você considera importante um planejamento coletivo dos momentos de alimentação.</p> <p>8. Quais são as relações entre o currículo da Educação Infantil e os momentos de alimentação na jornada diária?</p>
<p>Recomendações docentes a respeito dos momentos de alimentação</p>	<p>9. O que você recomendaria para uma professora iniciante no berçário a respeito do planejamento e organização dos momentos de alimentação?</p>

Fonte: Elaboração própria

As questões 2, 3 e 7 são específicas para entender como as professoras organizam os momentos de alimentação, levando em conta o que é essencial para que essa organização aconteça e como os bebês são encaminhados para esse momento. As questões 4 e 6 são diretamente relacionadas à relação das professoras com os bebês nesse momento, o que as professoras consideram importante para criar esse vínculo de confiança e que ao mesmo tempo proporciona

independência aos bebês, e quais as especificidades dos momentos de alimentação do berçário. Já as questões 5 e 8, tratam especificamente sobre planejamento e currículo, para que as professoras relatem como os momentos de alimentação são planejados com a equipe escolar (direção, cozinha e nutricionista), se há esse planejamento coletivo e a relação entre o currículo da Educação Infantil e os momentos de alimentação. Por fim, a questão 9 é para que as professoras possam fazer recomendações, sugerirem como uma professora que está iniciando poderia atuar o que é importante saber para estar no berçário.

3.3. ANÁLISE DO CONTEÚDO

Segundo Bardin (2010), a análise de conteúdo é um método de investigação de dados com base em análise das comunicações que procura coletar indicativos que viabilizam o resultado de conhecimentos. Através das entrevistas semiestruturadas, elaborei a análise de conteúdo, seguindo as etapas cronológicas desenvolvidas por Bardin (2010). A análise de conteúdo é separada em três momentos: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados, inferência e interpretação.

O princípio da análise de conteúdo é definido na demonstração da estrutura e dos elementos desse conteúdo para esclarecer diferentes características e extrair sua significação. A análise de conteúdo não obedece a etapas rígidas, mas sim a uma reconstrução simultânea com as percepções do pesquisador com vias possíveis nem sempre claramente balizadas. (SILVA; GOBBI; SIMÃO, 2005, p. 75)

O primeiro momento, nomeada *pré-análise* equivale a uma "leitura flutuante das entrevistas, de modo a tomar maior contato com as respostas" (SILVA, 2012, p. 62). Após fazer as entrevistas, fiz as transcrições das mesmas, e isso fez que eu imergisse com mais profundidade nas respostas obtidas. Ao longo das transcrições e revisão da entrevista vieram à mente situações que li durante minha pesquisa.

Logo após, o segundo momento, *exploração de material*, onde acontece uma leitura mais aprofundada para perceber informações importantes da análise, estabelecida por Bardin (2010, p. 127 *apud* SILVA, 2012, p. 62) como "longa e fastidiosa". Nessa etapa selecionei e destaquei trechos das entrevistas que estivessem diretamente relacionados às minhas indagações iniciais de pesquisa: qual o papel das educadoras durante a alimentação, como esses momentos de alimentação devem ser pensados e organizados e se veem esses momentos como práticas pedagógicas. Pensando nisso, minha análise foi dividida em cinco unidades: 1) relações entre alimentação e cultura: perspectivas docentes; 2) modos de organizar os momentos de alimentação dos bebês; 3) relações das professoras com os bebês durante as práticas de alimentação; 4) currículo e alimentação: narrativas docentes; 5) recomendações docentes a respeito dos momentos de alimentação.

E por último, o terceiro momento: *tratamento dos resultados, inferência e interpretação*, no qual o pesquisador por meio dos resultados pode tencionar deduções e prever compreensões conforme os objetivos apresentados. Nessa fase organizei as perguntas feitas para as entrevistadas por temas abrangidos: a) relações entre alimentação e cultura; b) modos de organizar os momentos de alimentação dos bebês; c) relações das professoras com os bebês; d) currículo e alimentação; e) as recomendações docentes. Cada um desses temas será analisado teoricamente através das falas de cada professora, além do meu posicionamento referente a cada relato.

3.4. ASPECTOS ÉTICOS NA REALIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS

Para Lopes e Cordeiro (2011, p. 60), o objetivo da entrevista é “explorar em profundidade aspectos da vida do entrevistado”, resultando em alguns cuidados éticos para a realizar as entrevistas. Conforme Souza e Goldin (2008, p. 1 *apud* SILVA, 2012, p. 60) “ética é a construção do sentido da vida humana desde o encontro com o outro”. Para tal, é necessário iniciar a entrevista com questões que permitem estabelecer a confiança com o entrevistado, e não com questões que o deixem desconfortável.

Outras questões formais estão presentes na ética da pesquisa. Segundo D’Espíndula e França (2016), o entrevistador precisa saber de maneira evidente os objetivos de sua entrevista para conseguir organizar e controlar, instituindo ao entrevistado seus interesses de pesquisa. Para isso, inicialmente expliquei para as professoras entrevistadas qual era meu tema de TCC e o motivo pelo qual estava fazendo a entrevista, sendo que meu foco era em professoras de berçário e as questões sobre os momentos de alimentação. A entrevista é como uma “via de mão dupla, na qual deve haver extremo cuidado para o bom fluir da comunicação” (D’ESPÍNDULA; FRANÇA, 2016, p. 498). Assim, a entrevista ocorre de uma maneira agradável, onde ambos (entrevistador e entrevistado) se sintam bem para perguntar ou falar o que lhe for cabível e que possa agregar na pesquisa. Por essa razão coloquei-me a disposição das professoras entrevistadas para quaisquer dúvidas que surgissem ao longo da entrevista, assim como percebi que elas estavam dispostas a responder dúvidas minhas. Elas também me deram algumas dicas, e uma das professoras até me mostrou seus diários com alguns momentos de alimentação. Isso foi bem importante para eu perceber que as professoras tiveram confiança em me falar detalhes em relação à sua docência.

Além desses cuidados, as professoras entrevistadas concederam a divulgação das informações, por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido³, assim me

³Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, está em anexo.

autorizando o uso de seus relatos durante a pesquisa. As suas informações pessoais, nome e instituição, foram mantidos em sigilo. As entrevistas foram realizadas por um aplicativo de troca de mensagens, no qual as entrevistadas responderam as questões em áudio. Para que as entrevistadas conseguissem responder com calma e em um momento que se dedicassem apenas a pensar sobre as questões postas, lhe foi dado um prazo mais estendido, sendo que me disponibilizei para tirar qualquer dúvida que poderia surgir durante a suas reflexões.

4. CONCEPÇÕES DAS PROFESSORAS: NARRATIVAS SOBRE AS PRÁTICAS DE ALIMENTAÇÃO NO BERÇÁRIO

O presente capítulo tem como objetivo analisar as narrativas das professoras entrevistadas de berçários de escolas de Educação Infantil, ou seja, com crianças de zero a dois anos. Nessa entrevista minha intenção foi de ouvir os relatos sobre os momentos de alimentação em seus grupos, considerando as relações com a criança e da criança com o adulto, suas especificidades, além da organização e planejamento da turma com os setores da escola (diretora, nutricionista e cozinheira).

Para essa pesquisa, escutar as professoras é um ponto muito significativo, é o momento de relacionar práticas da jornada escolar com as concepções dos momentos de alimentação, além de observar a realidade de cada escola, e de cada professora, perceber como cada uma lida com esses momentos e poder questionar, e ampliar discussões em relação a cada um dos aspectos referidos na entrevista.

Por isso, esse capítulo está organizado em cinco seções. A primeira aborda as narrativas sobre como as professoras percebem a relação da alimentação com a cultura. A segunda abrange a organização, o que é essencial e como é encaminhado o momento da alimentação considerando as singularidades dos bebês e se a rotina institucional interfere nessa organização. A terceira seção, compreende as relações da professora com os bebês, onde foi relatado como ocorre essa relação e quais as especificidades a serem consideradas nesses momentos de alimentação. A quarta seção, refere-se aos relatos sobre currículo, nos quais as professoras contaram sobre seus planejamentos junto a escola (direção, nutrição e cozinha) e famílias, bem como a relação do currículo com os momentos de alimentação na jornada diária. Por fim, a última seção é onde eu abri para que as professoras fizessem recomendações para outras professoras que irão trabalhar em berçários a respeito do planejamento e organização nos momentos de alimentação.

4.1. RELAÇÕES ENTRE ALIMENTAÇÃO E CULTURA: PERSPECTIVAS DOCENTES

A alimentação não está relacionada apenas com nutrir o corpo, o ato de comer é uma construção cultural. Conforme Holland (1999), ao preparar e oferecer para a criança o alimento, o adulto tem em mente o desenvolvimento físico, bem como a socialização em sua cultura. Ao alimentar e ensinar a criança a comer, estamos inserindo essa criança na sociedade e estamos ensinando sobre nossas práticas culturais. E isso ficou evidenciado nas narrativas das professoras a seguir:

P14: Então ali na relação da mamadeira, com o leite da criança, tem uma parte toda cultural, porque bebês tem que ter mamadeira e os bebês do berçário não usavam mamadeira, a não ser os de seis meses, que estavam fazendo introdução, aí okay. Fora isso, as outras crianças que já começavam na papinha, na frutinha e depois na papinha salgada, não existia a mamadeira, o leite era dado no copinho, por quê? O que elas explicavam que a mamadeira era usada pela criança que outro fim e o copinho era autônomo, o copinho ajudava a criança na sucção, tinha várias questões ali, então a **mamadeira era a primeira coisa que quebrava na alimentação, nessa questão cultural.**

(Professora de Escola de Educação Infantil pública - Transcrição de entrevista realizada em agosto de 2020. Grifos meus)

P3: Alimentação e cultura pra mim estão interligadas, pois a gente traz a **nossa ancestralidade na comida.** Eu por exemplo, nasci em Aracajú, que fica no Nordeste, já moro aqui faz 24 anos, mas **tudo que cozinho eu tenho referência na minha cidade, na minha cultura, na minha ancestralidade.**

(Professora de Escola de Educação Infantil pública - Transcrição de entrevista realizada em agosto de 2020. Grifos meus)

P2: Não seria diferente com a **alimentação que possui uma relação direta,** na minha percepção, **com a cultura,** porque a criança tem o direito de se apropriar desse conteúdo que foi construído com o passar do tempo, conforme a humanidade foi se desenvolvendo. Então se isso faz parte da humanidade, da vida, não tem porque a criança não se apropriar disso, ela tem que se apropriar desse ato que é cultural da constituição humana. (Professora de Escola de Educação Infantil pública - Transcrição de entrevista realizada em agosto de 2020. Grifos meus)

P4: Acredito que **as infâncias estão inseridas em contextos culturais regionais,** com isso, a forma de se relacionar com a comida (apressada, calma, delicada ou agonizada) tanto da criança quanto do educador respinga nas formas em que foram/são alimentadas. **A herança cultural transfere hábitos.** Daí a importância de ser compreender a docência de qualidade, estudar para desvencilhar-se de automatismos.

(Professora de Escola de Educação Infantil pública - Transcrição de entrevista realizada em agosto de 2020. Grifos meus)

P5: Algo muito forte, a **alimentação,** esse momento ele serve como um **momento de socialização em todos os lugares,** mas vai ter suas especificidades dependendo de cada região. Eu acho que é um momento muito importante e muito rico, principalmente para os bebês, **esse momento de alimentação é um momento de troca e de afeto.**

⁴A sigla P mais o número será para nomear as professoras entrevistadas, logo P1 representa a professora 1 e assim sucessivamente até a professora 6.

(Professora de Escola de Educação Infantil privada - Transcrição de entrevista realizada em agosto de 2020. Grifos meus)

P6: Alimentação é totalmente cultural, acho que cultural e social. Comer é uma coisa cultural e social. Tanto o que a gente come e a maneira como a gente come é totalmente relacionado a cultura onde a gente está inserido.

(Professora de Escola de Educação Infantil pública - Transcrição de entrevista realizada em agosto de 2020. Grifos meus)

Nas narrativas compartilhadas, é possível observar que as professoras veem que a alimentação está diretamente ligada à cultura. Todas entrevistadas mencionam que esse momento é de construção, construção dos bebês e das crianças bem pequenas como sujeito em uma sociedade, um momento onde a criança está se apropriando do ambiente onde vive e que esse momento é muito importante nessa construção. Além disso, as professoras apresentam a questão dos hábitos familiares e regionais, e isso é bem importante, porque cada bebê tem a sua cultura e seus costumes na sua casa. Na escola isso precisa ser entendido e respeitado, assim como as famílias precisam entender o funcionamento na escola. Por exemplo, uma família que não tem o costume de se juntar em uma mesa para fazer as refeições, tem uma rotina corrida, precisa que o bebê também siga isso e coma rapidamente. Nas palavras de Holland (1999), a alimentação aprendida na infância poderá influenciar seu comportamento em relação a hábitos de saúde na idade adulta, e assim, é muito importante o modo como as refeições são conduzidas, tanto na qualidade como na quantidade de alimentos oferecidos, bem como no ambiente físico e emocional que os adultos proporcionam às crianças.

A criança que não tem costume de se sentar para comer com tranquilidade não vai chegar na escola e conseguir compartilhar esse momento com as outras, vai comer rapidamente e deixar de desfrutar desse momento de partilha, de sociabilidade, de vínculo tanto com a professora, como com as demais crianças. De acordo com Lira *et al* (2020), a alimentação representa a possibilidade de convívio, condição comprometida na contemporaneidade pela escassez de tempo para a realização das refeições cotidianas. Logo, pelo fato de as crianças passarem muito tempo do seu dia na escola, o momento de alimentação está integrado a esse contexto, e além de uma necessidade vital, também de ser visto como aprendizado e um momento de criar e consolidar vínculos.

Na lógica contrária, os momentos de alimentação na escola são controlados por um tempo cada vez mais apressado, onde as crianças precisam apenas se alimentar ou serem alimentadas o mais rápido possível, porque, geralmente, há um horário determinado para cada turma no refeitório. E isso faz com que as professoras estabeleçam um tempo e um modo para que todas as crianças comam a tempo de ir para a sala no horário determinado. Na maioria das vezes, por ter esse tempo estipulado, as professoras já organizam as crianças com antecedência, principalmente os bebês.

Perto do horário da alimentação eles já são postos em cadeirinhas, com bibeiros, prontos antes da comida ou lanche chegar. Mas os bebês esperam tranquilamente sentados por sua alimentação? Certamente não, isso só vai acarretar um tempo longo de espera, que acaba sendo desagradável e angustiante para as crianças e para os adultos. Segundo Vasconcelos (2015), ao evitar uma tensão desnecessária, estamos, desse modo, integrando ao currículo da escola necessidades e desejos de aprendizagem que ocasionam grande influência na vida das crianças, seja na infância, como também nas outras fases da vida.

Algo que não foi abordado pelas professoras entrevistadas, mas que é importante ponderar é a influência da família na questão da alimentação e escolhas de alimentos. Quando um bebê só come banana em casa, por exemplo, dificilmente vai aceitar outra fruta na escola, pelo fato de não estar acostumada com a variedade de escolha e de sabores. Desde pequenos os bebês aprendem a conhecer e comer diferentes alimentos. Por isso, na escola deve haver acompanhamento da nutricionista junto às famílias, para que os pais apresentem diferentes frutas e comidas também em casa, porque ao chegar na escola vai ter a recusa por determinados alimentos, apenas por não conhecerem aquele sabor e não ser algo ao qual estão acostumados. Nesse sentido, Vitor e Lira (2019, p. 127) consideram que além de ter contato com diferentes texturas, sabores e aromas, as crianças precisam vivenciar a alimentação como um ato social de trocas, interações e aprendizados nos mais variados aspectos.

Sob esse foco, Goldschmied e Jackson (2006) relatam que as crianças quando chegam à creche estão acostumadas com uma outra dieta e, por isso, inicialmente acaba sendo mais difícil a aceitação de novos tipos de comida. Mas para as autoras, ao oferecer em pequenas quantidades esses novos gostos e texturas acabam sendo aceitos e ver outras crianças comendo com prazer também ajuda nesse momento. Porém, para que esse movimento de aceitação de outros alimentos de fato funcione da melhor maneira é preciso que os pais façam parte e estejam envolvidos nesse processo, oferecendo em casa também esses alimentos. Outro cuidado que a escola precisa ter é sempre respeitar e compreender se a criança, por algum motivo de saúde ou até mesmo religioso, não consuma determinado alimento. Esse alimento deve ser oferecido na escola. Por esse motivo o diálogo entre escola e família é indispensável.

Para finalizar, trago um trecho de Barbosa (2010), onde a autora menciona a alimentação como prática cultural:

a escolha dos alimentos, a forma como se organiza as cadeiras, o lugar onde se come – se sala ou refeitório – os instrumentos que se usa para comer, tudo isto diz respeito à formação cultural e social. Também o modo como se inicia e finaliza a alimentação fazem parte de um ritual, um ritual que não é igual ao doméstico e que na escola pode ser construído com a participação das crianças e transmitido aos bebês. (BARBOSA, 2010, p. 13)

Com isso podemos perceber que a alimentação não é apenas um momento para dar comida às crianças, mas integrá-las na cultura, por meio de diálogos, olhares e ações que possibilitam a criança a também fazer parte dessa cultura e que seja protagonista desse momento.

4.2. MODOS DE ORGANIZAR OS MOMENTOS DE ALIMENTAÇÃO DOS BEBÊS E CRIANÇAS BEM PEQUENAS

Na Educação Infantil, educar e cuidar estão vinculados, assim compreendendo o cuidado como algo indissociável do processo educativo. Logo, nos momentos de alimentação esse cuidado também precisa estar presente, como em qualquer outro momento da jornada escolar. E durante a alimentação é muito importante respeitar a singularidade de cada bebê para assim conseguir organizar da melhor maneira esse momento, para que seja algo agradável tanto para o bebê, como para as professoras, tornando esse momento rico em descobertas e aprendizagens.

Nos trechos que compartilharei a seguir, destaquei as narrativas de três professoras, onde evidenciam a relevância de respeitar cada bebê e a sua necessidade naquele determinado momento. Mesmo que haja uma rotina institucional, o mais importante é perceber a demanda daquela criança.

P1: Vou falar da organização desse momento: **berçário 1**, faixa etária ali dos bem bebê, **início do ano eu não ia pro refeitório**, por quê? Porque eles estavam se inserindo dentro da escola e o horário de refeição eles teriam que sair da sala, ir pro refeitório, num lugar novo, eram bem bebês, muitos não caminhando, a maioria não caminhando. Então a gente fazia a **alimentação dentro da sala**. Era um **momento tumultuado do dia**, era o momento mais tumultuado porque eles estavam com fome, na sequência sono, quando eles terminavam de comer a gente já sabia, terminava de comer tinha que levar para lavar o rosto, mão, a gente levava até a torneira, a sala não tinha esse espaço, não era adaptado, então a gente tinha uma escadinha que usava na torneira do fraldário, na banheira do fraldário no caso, para eles lavarem as mãos, para lavar o rostinho, trocar fralda, trocar roupa.

(Professora de Escola de Educação Infantil pública - Transcrição de entrevista realizada em agosto de 2020. Grifos meus)

P2: Se eles não estão com sono, se estão com as demandas atendidas, **quem está dormindo não fica acordado para comer e aí vai comer quando acordar**, todas essas peculiaridades são consideradas, a parte motora também tem criança que não consegue comer sentada no cadeirão, tem criança que não aceita sentar no cadeirão. Como a gente segue os princípios da Abordagem Pikler, daí essas crianças são alimentadas no colo. Então é um momento conduzido de uma forma bem individual e bem peculiar mesmo, considerando as singularidades e as demandas de cada um.

(Professora de Escola de Educação Infantil pública - Transcrição de entrevista realizada em agosto de 2020. Grifos meus)

P6: Se tiver alguém dormindo, vai ficar dormindo até que acorde e tenha fome para comer e a comidinha fica reservada, a gente pede para esquentar na hora que a criança for ser alimentada. A criança tem certa liberdade para testar os alimentos com a mão e se houver interesse por parte da criança também pode dar uma colher pra ela.

(Professora de Escola de Educação Infantil pública - Transcrição de entrevista realizada em agosto de 2020. Grifos meus)

As entrevistadas P2 e P6, destacam a mesma situação: não acordar o bebê para ser alimentado. E realmente o bebê não precisa ser acordado, pois se naquele momento ele está dormindo é daquilo que ele precisa, e não o que achamos necessário, ou o que a rotina recomenda. Quando o bebê está com fome, ele nos sinaliza de alguma forma, da sua forma, por isso é muito importante as professoras conhecerem e estarem atentas aos bebês, aos seus sinais, entender as suas demandas. Nas palavras de Oliveira (2019), é neste modo respeitoso de se pensar e fazer a alimentação, tanto individual ou coletiva, em que os adultos se fazem presentes e os bebês podem, pouco a pouco, compreenderem seus próprios processos e exercerem sua autonomia.

A professora P2 comenta sobre a maneira de alimentar a criança, que na turma dela são alimentados em cadeirões, mas nem todos aceitam, então fazem a alimentação no colo, por seguirem os princípios da Abordagem Pikler⁵. E por isso conseguem realizar esse momento da alimentação com uma criança por vez, se dedicando apenas àquela criança. Já a professora P6 menciona que a criança pode explorar os alimentos com a mão caso tenha vontade e também tentar iniciar sua alimentação com a colher. Como afirma Piva (2019, p. 236): “os modos de organizar tempos, espaços para que as aprendizagens e o desenvolvimento das crianças em todos seus aspectos ajam juntos e acolham as demandas e necessidades das crianças em sua complexidade e em uma postura de escuta sensível”. Logo, é perceptível o respeito que a professoras têm os bebês, pensando sempre na melhor maneira de organizar esse momento colocando o bebê como o centro do planejamento do momento de alimentação.

O momento da alimentação é muito significado para a criança, por isso a professora precisa atender e alimentar um por vez, para que consiga dedicar-se totalmente ao momento com aquele

⁵Essa abordagem surgiu a partir do trabalho da pediatra Emmi Pikler. A abordagem Pikler aborda concepções para o desenvolvimento de bebês e crianças bem pequenas, de zero a três anos. Ela tem como princípio central a estimulação do desenvolvimento infantil nas primeiras fases da vida por meio de propostas e práticas do educador (ou até mesmo pelo adulto responsável) que promovam a independência do bebê. Essa abordagem se fundamenta em dois conceitos básicos: o movimento livre, onde a criança precisa ter a liberdade para movimentar-se e descobrir o potencial do seu corpo de maneira espontânea; e autonomia, sendo que os adultos não podem interferir nas atividades, os bebês precisam ser deixados livres para explorar o ambiente e interagir com outra criança.

bebê, podendo o observar, dialogar, passar tranquilidade e fazer com que seja um momento potente para o mesmo. Conforme Oliveira (2019), a professora ou o adulto que está alimentando precisa entender a importância de que nessa etapa o bebê seja oportunizado a viver essa experiência da alimentação de forma plena. Além disso, é fundamental que a criança seja protagonista da sua alimentação. Piva (2019) reitera que as crianças possuem o direito de viver em uma escola que respeite, que as coloque no centro, que faça com que elas encontrem a possibilidade de expressar a si mesmas, que permita que atuem como protagonistas.

No momento em que a alimentação é realizada de maneira mecânica, onde a professora apenas coloca a comida na boca da criança, espera engolir e coloca novamente mais comida na boca dessa criança, a única coisa que a criança está fazendo é mastigar e engolir. Algo que acaba levando a essa situação de mecanizar a alimentação é o fato de muitas escolas terem um grande número de bebês na mesma turma e não ter um número de professoras correspondente à essa quantidade, por exemplo, uma turma com uma professora e duas auxiliares, mas com dezoito bebês para alimentar e atender a todas as outras demandas. Conforme Guimarães e Arenari (2018), o momento da alimentação deve ser vivido como um espaço e tempo de partilha de experiências e respeito ao ritmo dos bebês, é importante ter troca de olhares e sensação de saciedade que contamina o ambiente, e os adultos afetam as crianças porque comem, partilham a experiência na alimentação e não só supervisionam ou observam.

A criança para ser protagonista precisa fazer parte desse momento, para Seabra e Moura (2005), progressivamente a criança quer tocar, sentir as formas, sabores e texturas, isto é, explorar o alimento e aos poucos ela vai deixando a passividade no momento da alimentação e vai se tornando mais ativa no processo. A professora precisa conversar, mostrar e oferecer o alimento para a criança, precisa deixar que ela aceite ou rejeite, que ela possa olhar o que está comendo, que não seja algo apressado, cada bebê precisa de um tempo diferente para observar o que está comendo, provar, sentir tanto com as mãos, como seu sabor. O estudo de Rondon (2014), que analisou como os bebês vivem, agem e reagem com um rotina na jornada escolar, cita que os bebês e adultos vivenciam tempos diferentes: os bebês vivem o tempo *Kairos*, o tempo do inesperado e do acaso, porém os adultos vivem o tempo cronometrado, o tempo *Chronos*.

P3: O que eu considero importante: ter silêncio, a proporcionalidade de adulto criança e que aquele educador naquele momento esteja ali de corpo e alma pra poder dar atenção, ver quem come mais, quem come menos, se está comendo se não está, o que eles precisam. Porque eles se dispersam com muita facilidade, então é um dos momentos mais importantes da escola é o momento da alimentação dos bebês.

(Professora de Escola de Educação Infantil pública - Transcrição de entrevista realizada em agosto de 2020. Grifos meus)

Em contrapartida, a professora P3, ao se referir a sua organização enfatizou que é crucial o silêncio e manter o controle no momento da alimentação, pelo fato das crianças se distraírem com muita facilidade, mas que também é importante estar atenta às crianças. As refeições dessa turma de berçário 2 ocorrem no refeitório e isso possibilita que os menores olhem os maiores, o que fazem, como fazem, tudo é uma forma de aprendizado. O momento da alimentação é um dos momentos onde há mais socialização entre as crianças durante sua jornada na escola, isso porque estão, teoricamente, acostumadas com os momentos de alimentação onde todos conversam, socializam. Assim como os adultos, ninguém come em silêncio, não teria porque com as crianças ser assim. Tudo isso faz parte da construção social da criança. Corroborando o argumento exposto, Barbosa e Quadros (2017):

[...] o modelo escolar, em geral, não deseja um corpo falante, vibrante, transgressor, atravessado pelo desejo, pois tem como ideal um corpo quieto, fragmentado, vigiado. A criança é sinestésica: movimenta-se, traça rotas, aprende com seus sentidos e, com sua ação, exprime no corpo seus desejos, sentimentos positivos e negativos, suas inquietações, insatisfações. O corpo dos pequenos pensa, fala, expressa e comunica. (BARBOSA; QUADROS, 2017, p. 49).

O essencial nesses momentos é a professora manter o diálogo com as crianças, conversar durante a alimentação também, saber se estão gostando da comida, se sabem o que estão comendo. Isso deixará o momento mais agradável. Observar outras crianças também é importante, pois os processos de aprendizagem acontecem por meio da observação dos pares, ou seja “aprender a se alimentar com o que a natureza oferece fortalece a vontade da criança, não se trata apenas de aprender bons hábitos, mas de sentir o bem-estar que nos é oferecido por alimentos que fazem parte daquilo que também somos, somos seres da natureza” (OLIVEIRA, 2019, p. 35). No momento em que o bebê se sente bem durante a alimentação, a sua aprendizagem em relação à escolha dos alimentos é construída.

Para evidenciar que o diálogo é fundamental nos momentos de alimentação, contrapondo o que a professora P3 comentou sobre sua forma de organização no refeitório, trago exemplos das professoras P5, P2 e P4, onde afirmam ser essencial conversar durante a alimentação e que isso ajuda na organização.

P5: Eu considero essencial na organização dos momentos de alimentação dos bebês um ambiente tranquilo e organizado, isso é difícil, porque quando tu tem, por exemplo, dez bebês na tua sala, três educadoras, digamos que seis deles não sentam ainda, então tu tem que alimentar eles no colo, tu não vai alimentar dois bebês ao mesmo tempo, então vai começar por aí um trabalho de **diálogo** com

os bebês pra eles começarem a entender que bom, tem que esperar um pouco.

(Professora de Escola de Educação Infantil privada - Transcrição de entrevista realizada em agosto de 2020. Grifos meus)

P2: A gente fica na altura deles, não fica mais alto, em pé, e a criança lá em baixo, olho no olho. **Conversar, falar o nome do alimento, conversar ali com a criança** sobre aquele momento, estabelecer uma conversa, porque alimentação é relação, ela é relacional, as crianças vão aprendendo isso, que é um momento de troca, que tu pode conversar, que tu pode descontraír, assim como é na família, quando tu sai, que **eles não precisam ficar quietos**, não precisa ser um momento rígido e cheio de protocolos, não, a gente pode conversar, a gente pode explorar o alimento, a gente não impede que eles toquem no alimento, porque eles estão nessa fase sensorial.

(Professora de Escola de Educação Infantil pública - Transcrição de entrevista realizada em agosto de 2020. Grifos meus)

P4: Todo ato mecanizado atravessa as relações negativamente. No entanto, mesmo inserida em uma realidade sem o olhar para as especificidades das crianças em seus desejos e movimentos, **tento possibilitar com as ambientações**, na sala de referência da turma, uma realidade paralela, um **mundo em que possam habitar**. E **habitar o espaço engloba todas essas compressões, nutre pertencimento**.

(Professora de Escola de Educação Infantil pública - Transcrição de entrevista realizada em agosto de 2020. Grifos meus)

A professora P5 aborda em sua narrativa que para o momento de alimentação acontecer em um ambiente tranquilo e organizado é preciso conversar com os bebês, explicar que todos serão atendidos, cada um no seu tempo, mas que a professora está ali e vai alimentar a todos, para que eles consigam esperar e que não fiquem desatendidos. E a professora P2 considera a alimentação como relação, um momento de troca, por isso conversar enquanto alimenta, no seu ponto de vista, é natural, é um momento de descontração, de estarem se sentindo bem, onde possam explorar o alimento e não um momento para ficarem todos quietos.

Nas palavras de Guimarães e Arenari (2018), o diálogo – que não é feito unicamente com palavras –, o corpo que comunica suas emoções de modos variados, as demandas da rotina, a relação que se alterna entre o individual e o coletivo configuram desafios postos para pensar o trabalho pedagógico com as crianças pequenas. Nesse contexto, o diálogo e a atenção individual são fundamentais durante os momentos de alimentação, da mesma maneira que qualquer outro momento. É preciso que a criança entenda aquele momento, como funciona o processo da alimentação, o que ela está ingerindo, perceber a importância desse momento tanto para si, como para seu corpo.

Por fim, destaquei narrativas que sintetizam como o momento da alimentação precisa ser organizado, sempre observando as demandas dos bebês, compreendendo que no berçário, mesmo que a escola siga uma rotina, os momentos não acontecem exatamente nesses horários, pois os bebês têm diferentes tempos. Numa turma de berçário cada dia pode acabar sendo de um jeito, um dia todos podem ter comido bem, no outro a maioria pode ter recusado, e tudo bem, o importante é respeitar a singularidade de cada um e o que cada um requer naquele momento, naquele dia.

P5: Então é muito de cada dia vai ser de um jeito assim, tu vais sentindo, tem que sempre ter calma para conseguir entender cada bebê e **levar da melhor forma esse momento, para que seja um momento prazeroso** e que não seja uma coisa mecânica.

(Professora de Escola de Educação Infantil privada - Transcrição de entrevista realizada em agosto de 2020. Grifos meus)

P6: Enfim, é tudo muito relativo e depende de cada criança, mas acho que assim, no grupo geral a ideia é organizar o grupo, acalmar aqueles que estão com sono, trocar aqueles que já estão com a fralda muito cheia, enfim, **deixar eles o mais atendidos possível para que no momento que a gente tenha que dar alimentação para os outros eles consigam se manter bem brincando.**

(Professora de Escola de Educação Infantil pública - Transcrição de entrevista realizada em agosto de 2020. Grifos meus)

Como citado pela P5, é importante conhecer sua turma para que todos sejam atendidos durante a alimentação, sempre levando em conta o respeito e o cuidado para que a alimentação seja um momento agradável e de aprendizagens, como citado pela própria professora, não seja algo mecânico. A P5 também considera importante ver a turma em cada dia, e mesmo que tenha um planejamento é essencial que seja flexível para a demanda da turma naquele dia. E a P6 concordou com esse ponto de que cada dia será de um jeito e que vai depender das crianças, o importante é sempre manter a turma o mais organizada possível para que todos passem pela alimentação e possam seguir brincando ou em outras propostas, deixando todos tranquilos e aguardando seu momento de alimentar-se.

A partir disso, conforme Stivanin (2017):

Na organização dos momentos de alimentação, busca-se contemplar um educador para cada pequeno grupo de bebês, a fim de que cada educador possa favorecer um tempo mais individualizado e um olhar atento às suas necessidades, num clima de intimidade e de atenção especial do educador referência, no sentido de acompanhar os seus avanços, conhecer suas preferências e necessidades, bem como auxiliá-los no desenvolvimento de sua autonomia, observando seus gestos, interações e suas preferências alimentares. (STIVANIN, 2017, p. 100)

Pensando nessas práticas que podemos organizar o momento da alimentação na escola e o modo como pode ser desenvolvido: como a mesa é organizada, a maneira que manipulamos os utensílios, como o alimento é oferecido e servido e, sobretudo, quem organiza esse processo (as professoras e a equipe gestora da escola), todas juntas de uma maneira a realizar uma Pedagogia da Comida. E sempre pensando na criança como protagonista desse processo, considerando suas singularidades, seu tempo. O respeito, o cuidado e conhecer suas crianças são aspectos fundamentais para a organização do momento da alimentação. Em vista disso, Goldschmied e Jackson (2006, p 188), alegam que “é importante para as crianças bem pequenas que organizemos de forma cuidadosa a refeição para manter uma atmosfera de tranquila eficiência e tornarmos as refeições em um momento prazeroso para elas”.

4.3. RELAÇÕES DAS PROFESSORAS COM OS BEBÊS DURANTE AS PRÁTICAS DE ALIMENTAÇÃO

A alimentação é um dos momentos em que há mais proximidade entre professoras e crianças, é quando a professora está dedicada apenas àquela criança, sua atenção está voltada somente a ela. Por isso essa relação e como ela acontece é bem importante. Para Barbosa (2009) é importante lembrar que não significa que vai fazer por elas, mas fazer juntos, pois ao fazer essas primeiras ações a professora assegura a confiança, estabelece um diálogo, estabelece um olhar e uma escuta. No entanto para isso acontecer a professora não pode ter pressa, é essencial considerar as ações e a participação das crianças. E para isso acontecer é preciso que a gestão escolar entenda que os horários de alimentação precisam ser flexíveis, pois cada bebê come em um tempo. É preciso entender que durante a alimentação terão curiosidade no que estão comendo e oferecer para que eles possam pegar com suas mãos, sentir não só o sabor, mas suas texturas é importante para conhecer o alimento e até mesmo diferenciar de outros, assim como depois de um tempo vão começar a pegar a colher e querer tentar sozinhos. Tudo isso faz parte do processo de aprendizado para que comecem a fazer sozinhos. Com isso, apresento as narrativas das professoras comentando sobre a sua relação com os bebês de sua turma durante a alimentação.

P1: Então os horários de alimentação é onde a gente tem mais possibilidade de vínculo, é muita coisa, as pessoas passam sempre por esse momento de alimentação como sendo torturante, é um momento muito trabalhoso porque tem o antes, o durante e tem o após também. E daí vem uma série de coisas que a gente pode ir inserindo para esses momentos ficarem mais tranquilos.
(Professora de Escola de Educação Infantil pública - Transcrição de entrevista realizada em agosto de 2020. Grifos meus)

P2: Como a gente segue os princípios da Abordagem Pikler, então a gente tenta fazer da melhor forma possível, **conversando sobre o alimento, conversando com a criança, ficando na altura dela**, se for mais bebezinho, que é a questão do mamá que esse seja um **momento mais individualizado**, que a gente possa dar mais um colinho, que a gente possa sim, permanecer depois da mamada com a criança no colo, acolhendo ela e observando se a criança ficou bem depois desse momento, não apenas dando a mamadeira e já largando a criança para pegar o próximo. Pode demorar mais tempo do que a gente gostaria sim, mas a gente **não deixa de fazer com qualidade para poder fazer outras coisas**, "ah eu tenho, eu programei fazer tal proposta, então esse momento tem que ser feito rápido, porque eu programei tal coisa", não, não porque justamente **esse momento na nossa concepção de criança e de infância é um momento pedagógico**. Então se não deu tempo de fazer a proposta e só deu tempo de fazer esse momento, durou muito mais do que a gente imaginou, **a gente vai ficar sim envolvido o tempo que for preciso para que ele seja feito da melhor forma possível**. (Professora de Escola de Educação Infantil pública - Transcrição de entrevista realizada em agosto de 2020. Grifos meus)

P3: Quando a gente coloca o prato na mesa a gente explica o que eles estão comendo: "hoje nós vamos comer lentilha, vamos comer carne vermelha, saladas de cenoura". Às vezes a gente **canta para que eles se acalmem**, porque às vezes eles vão correndo até o refeitório, chegam lá cansados e dispersos. Então a gente faz uma musiquinha, até que eles se acalmem e aí eles seguem comendo.

P4: Acredito nos **vínculos do toque, do olhar**, enfim, da confiança na gestualidade. **Ambiente tanto o espaço físico quanto qualifico a sensorialidade auditiva fechando a porta para menos ruídos externos**.

(Professora de Escola de Educação Infantil pública - Transcrição de entrevista realizada em agosto de 2020. Grifos meus)

P5: A relação que ocorre com os bebês durante a alimentação é **uma relação de respeito, afeto, empatia, porque tu está auxiliando ele**, ele não consegue ainda esse movimento sozinho, fazer isso sozinho, então tu tem que ajudar ele, auxiliar isso, já começa desde ali, é um momento de aprendizado, é um momento de troca, então tu está se doando ali para aquele bebê, e não é uma simples coisa mecânica. Então acho que esse momento de alimentação tem essa troca muito grande entre a relação do educador e do bebê. E tem que estar muito paciente, muito leve, para poder ser um momento calmo e prazeroso para esse bebê, porque é muito importante o momento da alimentação. Então eu acho que essa é a **maior especificidade do momento da alimentação. É o tempo de tu conseguir gerir isso**, essa frustração que tem do bebê de querer ali, aí chega a hora, enfim, com a rotina eles já estão acostumados,

esse é o horário da alimentação e todos querem comer, normal, quando a gente está com fome a gente quer comer, de começar a trabalhar isso, "não, olha agora a professora já vai, está alimentando o colega e já vai", tem que entender que é uma dinâmica de que isso vai ter seu momento, até o momento que ele já vai se alimentando sozinho. Por isso que a gente tem que sempre já ir elaborando essa autonomia, muita conversa, muito diálogo.

(Professora de Escola de Educação Infantil privada - Transcrição de entrevista realizada em agosto de 2020. Grifos meus)

P6: Acho que da mesma forma que acontece nos outros momentos, com carinho, com atenção, com afeto, com diálogo principalmente. Esses **momentos de atenção pessoal** que a gente chama, que são **os momentos em que os bebês têm a atenção exclusiva da educadora**, que são basicamente nos momentos de alimentação, higiene, troca. A gente procura dar toda a atenção para o bebê, conversar com ele, sempre nomear e explicar, antecipar o que vai acontecer, nomear os alimentos que estão sendo servidos, o que está indo na colher. Acho que a relação é basicamente o que a gente já faz com eles no resto do tempo, uma relação de respeito, de diálogo. Tem observação, leitura também, tu tem que saber quando o bebê, tem que saber quando ele já está satisfeito, quando ele quer mais, se ele vai querer repetir, enfim, mas aí a gente volta também pro anterior que é mais ou menos o que acontece na sala, tu tem que estar lendo eles o tempo inteiro pra saber o que eles querem ou não, tanto na alimentação quanto fora dela.

(Professora de Escola de Educação Infantil pública - Transcrição de entrevista realizada em agosto de 2020. Grifos meus)

As professoras P5 e P6 mencionam a importância do diálogo durante a alimentação, ir explicando tudo que está acontecendo naquele momento, além de nomear os alimentos e com isso proporcionando a autonomia, e conversar com os que estão aguardando pela alimentação, para que todos se sintam atendidos. Nessa perspectiva, Lira *et al.* (2020), assegura que nas escolas infantis não alimentam apenas o corpo, mas nutrem também as demais dimensões que compõem o ser humano. É nessa relação onde estão implicados, além da comida, palavras, gestos, olhares, permissões e proibições, estão presentes também ações que englobam as emoções, os sentimentos, o prazer, a diversão, as alegrias e frustrações. Por isso, considero necessário sempre manter esse diálogo, essa comunicação, a partir disso que os bebês começam a compreender seu momento de espera, ou de ser atendido. O importante é construir esse vínculo.

As professoras entrevistadas trazem a respeito da sua relação com os bebês ações fundamentais durante o momento de alimentação, a oportunidade de criar vínculo com a criança devido à proximidade que esse momento possibilita, além do afeto, atenção, respeito e empatia para ser tranquilo e prazeroso. Para Oliveira (2019, p. 35), "é o estado de atenção do adulto que terá

influência sobre o estado de atenção do bebê e é o nível de empatia do adulto que levará o bebê, em um futuro bem próximo, a ser capaz de nutrir-se e nutrir o outro". A Oliveira (2019, p. 35) também alega, que neste modo respeitoso de se pensar e fazer a alimentação, tanto individual ou coletiva, em que os adultos se fazem presentes e os bebês podem, pouco a pouco, compreenderem seus próprios processos e exercer sua autonomia. Certamente, o respeito e afeto que colocamos ao alimentar um bebê seguirá na sua vida e irá se constituir em seu desenvolvimento.

4.4. CURRÍCULO E ALIMENTAÇÃO: NARRATIVAS DOCENTES

A alimentação, como qualquer outro momento da jornada cotidiana dos bebês na creche, requer um planejamento. Dessa maneira, Richter e Barbosa (2010), afirmam que cada criança é um desafio, uma interrupção, uma interrogação ao trazer consigo possibilidades de agir, até mesmo ser diferente de como a conhecemos ou a concebemos a partir de nossas teorias. Sendo assim, elas trazem questionamentos também à instituição educacional e ao currículo. No berçário, em razão das singularidades dos bebês, esse planejamento precisa ser bem estruturado, organizado e flexível, sempre atendendo os diferentes tempos dos bebês. Considerando que dificilmente todos estarão fazendo apenas uma coisa ao mesmo tempo, uns podem estar brincando, outros dormindo, ou até mesmo se alimentando, portanto, é indispensável a flexibilidade. O planejamento precisa abranger o todo.

Em vista disso, é preciso construir um currículo em que a ação pedagógica proporcione inúmeras experiências, com a intencionalidade de fazer com que as crianças estejam sempre criando novas narrativas e se descobrindo no mundo, através de explorações e vivência consigo e coletivamente. Nessa perspectiva, destaquei algumas narrativas das professoras entrevistadas onde elas contam, em sua concepção, o que é currículo e como as práticas alimentares são contempladas.

P1: Eu comecei a pensar nas minúcias do cotidiano, no meu começo como professora de bebês e o que era solicitado pela minha supervisão da minha escola era que todos os dias eu tivesse uma atividade, então o meu foco era na atividade, o resto era rotina. Então depois eu passei a ver que não, que **todos os momentos eram importantes, eram vividos, aquilo era infância da criança, então eu tinha que ter momentos afetivos.**

(Professora de Escola de Educação Infantil pública - Transcrição de entrevista realizada em agosto de 2020. Grifos meus)

P2: Na **minha concepção currículo é tudo que pertence e está ligado à Educação Infantil**, então com a alimentação isso não é diferente, possui relação direta com currículo e por isso requer uma

atenção especial, porque ela desenvolve, constrói os hábitos alimentares, como segurar os talheres, como sentar à mesa.

(Professora de Escola de Educação Infantil pública - Transcrição de entrevista realizada em agosto de 2020. Grifos meus)

P3: Na minha escola, por exemplo, que eles têm jornada integral eles ficam quase dez horas, é uma média de dez horas na escola, então **o currículo tem que contemplar a alimentação, é bem importante.**

O ano passado eu fiz um projeto com horta com eles, eles plantaram, as famílias levaram mudinhas, depois a gente comeu as coisas das plantas, fizemos culinária. Eu **sempre faço projeto que inclua a alimentação**, que tenha culinária, a gente faz junto com eles.

(Professora de Escola de Educação Infantil pública - Transcrição de entrevista realizada em agosto de 2020. Grifos meus)

P5: A relação da alimentação com o currículo na jornada diária e no momento de alimentação ela é total, **porque esse momento de interação a gente poderia dizer que ele, poderia não, pode dizer que ele perpassa todos os campos da nossa Base**, por exemplo, todos os campos de experiência, porque ele é um momento de interação, é um momento de exploração, de conhecer o seu corpo, de ver o outro, de reconhecer o outro, reconhecer tanto o educador como o colega, de explorar o alimento, explorar seu corpo. Então ele é um **momento muito rico, ele é primordial numa rotina de berçário e a nossa rotina ela se molda em torno da alimentação** dos bebês, da alimentação, do sono e da brincadeira também.

(Professora de Escola de Educação Infantil privada - Transcrição de entrevista realizada em agosto de 2020. Grifos meus)

P6: Acho que a Educação Infantil trabalha é **o currículo do cotidiano e alimentação é parte importante de tudo isso**, o que é mais cotidiano e mais social que a alimentação, e a maneira como a gente vai oferecer a alimentação para as crianças, assim como os outros momentos, que também devem ser planejados e pensados nelas, tem que levar em conta o bebê como um sujeito, como um sujeito de direitos, como uma pessoa, ele já é uma pessoa pronta. E é isso que vai afetar a construção das identidades dessas crianças lá na frente.

(Professora de Escola de Educação Infantil pública - Transcrição de entrevista realizada em agosto de 2020. Grifos meus)

Diante das considerações das professoras, percebi que cada uma tem seu olhar diante do currículo e como a alimentação está integrada a ele. A P1 inicialmente não considerava a alimentação como parte do currículo, para ela o currículo era composto apenas por atividades, afinal isso que era cobrado pela supervisão. Mas com o decorrer da sua docência percebeu que o currículo está além de apenas organizar propostas, tudo que é vivido pela criança na escola está ligado ao currículo. Assim como conta a P2: “currículo é tudo que pertence e está ligado à Educação Infantil”, mencionando que a alimentação pertence a esse currículo e por isso esse momento precisa de uma atenção especial,

pela sua importância na construção da criança e seus hábitos. Segundo Richter e Barbosa (2010, p.91), “os bebês e as crianças pequenas estão construindo suas primeiras aprendizagens e, em todas as situações aprendem: quando conversamos com eles e nos respondem com balbucios, quando trocamos suas fraldas eles nos auxiliam esticando as pernas”. Todas as experiências fazem parte do currículo, seja durante a interação com o outro e com seu corpo, na relação com os adultos e nas múltiplas linguagens que os bebês podem ter, seja por olhares, toques e balbucios.

Já a P3 aborda de uma forma diferente. Pelo fato de a alimentação fazer parte do currículo ela planeja projetos, relaciona currículo com atividades voltadas à alimentação, onde as crianças possam participar e conhecer outras formas do alimento que consomem, como plantá-los, por exemplo. Em seu livro “A linguagem da comida”, Cavallini e Tedeschi, contam sobre as experiências das crianças com a alimentação em creches em Reggio Emilia, e em uma dessas experiências contam sobre o projeto “a horta perfumada”. A intenção desse projeto era reestabelecer o significado da relação das crianças com o alimento e a terra, os princípios do cuidado e consciência da sua responsabilidade com o que tem vida, além do tempo que precisaria esperar e até mesmo a possibilidade de não conseguir cultivar, não nascer nada. Eu vejo como um projeto muito sensível e potente, onde as crianças são de fato protagonistas. As crianças vão poder acompanhar todo o processo, desde o plantar, cuidar (regar), depois colher e consumir. Com o berçário 2, que é o caso da turma dessa professora, é possível produzir esse tipo de projeto.

Em sua narrativa, a P5, menciona que a alimentação está relacionada com o currículo por ser um momento de interação e exploração de si, do outro e do alimento, e que além disso é a rotina que se organiza em torno dos horários da alimentação. E a P6 considera a alimentação como parte integrante do currículo, que assim como qualquer outro momento da jornada escolar precisa ser planejado e pensado, sempre considerando o bebê como um sujeito e que isso afeta a criança na construção da sua identidade. Todas as ações do cotidiano escolar constituem o currículo, assim como a alimentação, a troca de fraldas, o brincar, dormir, etc. Nessa perspectiva, Richter e Barbosa (2010), constataam que os bebês e as crianças pequenas rompem com a tradição de conceber e realizar o currículo como prescrição de objetivos e “conteúdos” a serem aprendidos, para elas exige pensar e praticar ações no cotidiano diferentes do modelo escolar organizado em “aulas”. As professoras de berçário precisam pensar em propostas onde os bebês se sintam desafiados, que contribuam para o seu desenvolvimento, que possam explorar de maneira livre e criativa.

Entretanto, ainda existem escolas de Educação Infantil com uma visão diferente, onde a alimentação não faz parte do currículo e não há um planejamento conjunto, como a professora P4 conta em sua entrevista.

P4: Nosso município ainda segrega coordenadorias distintas: a equipe de alimentação e nutrição difere da pedagógica, não dialogam, e quando tentamos a harmonia nas formações em contexto com as funcionárias da cozinha, elas alegam "dever cumprir ordens diferentes". Ainda caminhamos com passos lentos, infelizmente, pois **a alimentação é um ato pedagógico** e merece um olhar de cuidados mais específicos do que o ato de saciar fome física.

(Professora de Escola de Educação Infantil pública - Transcrição de entrevista realizada em agosto de 2020. Grifos meus)

Infelizmente, isso é algo comum em todos os municípios e não apenas no que essa professora trabalha. Nem todas as escolas de Educação Infantil seguem o currículo educacional, onde a alimentação faz parte dele. Currículo aqui definido, segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, como “conjunto de práticas que buscam articular as experiências e os saberes das crianças com os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural, artístico, ambiental, científico e tecnológico, de modo a promover o desenvolvimento integral de crianças de 0 a 5 anos de idade” (BRASIL, 2010). Muitas escolas ainda veem a alimentação apenas como uma necessidade biológica. E isso pode acabar fazendo com que as crianças também entendam esse momento como algo apenas para saciar a fome, não como um momento de socialização e de aprendizagens. Pois, se a escola não valoriza esses momentos, o que é entendido como aprendizagem são apenas as atividades, as produções das crianças e não suas descobertas no decorrer do seu dia. Nas palavras de Richter e Barbosa (2010, p. 94), “trata-se de um radical desafio à educação de zero a três anos pois exige compreender o currículo não como um plano prévio de ensinar a vida mas como abertura à experiência de viver junto – bebês, crianças pequenas e adultos professores – as situações contextualizadas em narratividades”.

4.5. RECOMENDAÇÕES DOCENTES A RESPEITO DOS MOMENTOS DE ALIMENTAÇÃO

Nessa seção, destacarei narrativas das professoras entrevistadas onde elas expuseram o que acham relevante para quem vai iniciar como professora de berçário saber em relação aos momentos de alimentação: o que acham importante saber, como lidar com certas questões, além de como se preparar para essa faixa etária.

P1: Mas mesmo assim, eu falo, **vai indo conforme teu grupo**, porque às vezes uma professora de berçário vai ter cinco crianças, outra vai ter dez. Eu trabalho com professoras, com grupos, de São Paulo, que tem berçário com vinte e cinco, trinta crianças, claro com mais educadores, mas imagina um espaço com trinta crianças, trinta bebês, imagina dez chorando num momento de alimentação, daí já é complicado. Mas eu indico isso, a ir caminhando, a ir **registrando**

esses momentos, a ir trocando, as minhas auxiliares, a gente planejava no dia a dia, olha hoje vamos fazer assim que vai ficar melhor.

(Professora de Escola de Educação Infantil pública - Transcrição de entrevista realizada em agosto de 2020. Grifos meus)

P2: Eu recomendaria então para uma professora de berçário, **que ela tenha muita escuta, olhar sensível para as demandas da turma de bebês**, que são diferentes de um ano para o outro, que são muitas dentro de uma mesma turma e elas vão se modificando cotidianamente.

(Professora de Escola de Educação Infantil pública - Transcrição de entrevista realizada em agosto de 2020. Grifos meus)

P3: Eu recomendaria que além, para além da universidade, ela procurasse **ler mais sobre alimentação e que trouxesse isso para sua vida diária**, que é aquela coisa, não adianta a gente pregar uma coisa e fazer outra, então de dar importância a comer, comer salada, sentar com eles e sempre assim, estar ali de corpo e alma, observando e trazendo eles, **construindo um vínculo, alimentação é muito vínculo.**

(Professora de Escola de Educação Infantil pública - Transcrição de entrevista realizada em agosto de 2020. Grifos meus)

P4: Que **se permitisse ir além do obrigatório**. Que ganhasse tempo lendo as considerações de Emmi Pikler e indicaria referências como: Albuquerque e Oliveira, Gonzalez-Mena e Eyer, Vincze.

(Professora de Escola de Educação Infantil pública - Transcrição de entrevista realizada em agosto de 2020. Grifos meus)

P5: Eu recomendo para uma professora de berçário sempre tentar observar bem os seus bebês para começar a conhecer, **para poder fazer uma boa dinâmica, ter calma, paciência**, não adianta ficar estressada com o momento, porque eles vão também se estressar, o choro é uma coisa que às vezes quando tem muita criança chorando isso vai acontecer, isso nos tira um pouco do foco, mas tentar manter o ambiente o mais calmo possível. Aos poucos tu vai vendo como é que é a dinâmica daquela turma, daqueles bebês.

(Professora de Escola de Educação Infantil privada - Transcrição de entrevista realizada em agosto de 2020. Grifos meus)

P6: Primeiro lugar convicção, persistência e força. Convicção porque tu tens que estar certa daquilo que tu estás fazendo, porque já é difícil, depende do contexto que tu estás, mas normalmente tu vais ter que lutar contra toda uma estrutura voltada para atender a cozinha e a limpeza. Então por isso a persistência, porque olha tu vais ter que explicar, convencer, argumentar um milhão de vezes até que as pessoas tenham a luz de enxergar as coisas do jeito que tu enxergas pra embarcar contigo, entende? Para comprar contigo essa briga. E força porque às vezes a pessoa não vai entender mesmo,

então tu vais ter que, sei lá, falar mil vezes para a tia da cozinha, ela não vai entender, então tu vai ter que impor aquilo da maneira que tu acha porque tu acha, e enfim. Eu não gosto dessa história de hierarquia, mas ela não pode mandar no funcionamento do berçário uma cozinheira, por exemplo. Não é o que ela acha, claro que **tem que ser conversado e explicado**, mas por fim tem que **valer aquilo que a professora da turma acha melhor** e não o contrário.

(Professora de Escola de Educação Infantil pública - Transcrição de entrevista realizada em agosto de 2020. Grifos meus)

Em suas narrativas a P1 recomenda para quem vai iniciar em berçário como professora que nos momentos de alimentação observe seu grupo e siga sua organização conforme esse grupo, pois cada turma será de uma maneira, assim como na mesma turma existem diferentes sujeitos, cada um tem sua singularidade. A professora também recomenda que faça registros. Em tal direção, Tristão (2004), afirma que mesmo que as crianças passem pelos mesmos acontecimentos ao longo de sua trajetória em uma instituição de educação coletiva, elas não passarão pelas mesmas experiências, já que estas são singulares, não podendo ser repetidas e, com isso, reafirma que é apenas conhecendo cada menino e menina, respeitando suas especificidades, que as professoras poderão saber o que toca e o que transforma cada um deles e delas – o que consiste em experiência para cada um dos bebês.

A P2 recomenda que tenha uma escuta e um olhar sensível aos bebês, pois ao longo do ano vão se desenvolvendo e assim as demandas se modificam, então a professora precisa estar atenta a esses detalhes. E quando isso acontece é crucial que a maneira como o momento de alimentação é organizado também possa ir se modificando, pois a criança estará construindo sua autonomia e se tornando independente da professora. Sob esse foco, Oliveira (2019) afirma que a professora ou o adulto são importantes nesse processo, pois ele precisa estar seguro de que está oferecendo à criança aquilo que ela precisa, tanto em termos nutricionais, como de afeto.

A P5 em sua recomendação comenta o fato de ser preciso ter calma e paciência para fazer uma boa dinâmica, pois a professora transmite a sua tensão para os bebês. O ideal é sempre cuidar para que o ambiente seja agradável e tranquilo. E que aos poucos a professora vai conhecendo aquela turma. Segundo Tristão (2014), “parece-me que um determinante para que as práticas docentes deem-se de uma ou de outra forma é o quanto a professora conhece cada uma das crianças, reconhece suas múltiplas linguagens, valoriza os seus gestos, expressões, silêncios, olhares...”.

Na recomendação da P3 ela menciona a importância da construção de vínculo e também que é preciso estar sempre disposta a ler e buscar mais informações sobre a alimentação. Assim como a P4, ambas recomendam leituras. A formação continuada permite refletir sobre sua prática, assim como ampliar seu olhar para as especificidades, não só sobre a alimentação, mas em relação à essa faixa

etária. A P6 relata ser importante ter “convicção, persistência e força”, pois, segundo ela, na maioria das vezes será necessário mostrar que o seu ponto de vista sobre determinado assunto está certo e, como professora da turma, seguiu as suas concepções. E isso está relacionado com o fato de sempre precisar estudar e se aprofundar para poder ter argumentos e explicar o motivo de acreditar e seguir certas concepções, pois não adianta só acreditar, é preciso entender e saber dialogar sobre o assunto com outras pessoas para elas compreenderem seu ponto de vista.

A partir disso, Tristão (2004) ressalta a importância das professoras de crianças pequenas em olhar, sentir e ouvir as crianças das turmas pelo quais são responsáveis, aprendendo a sondar seus ritmos e suas cadências, de forma a não se deixarem levar pela pressa de uma rotina que automatiza ações. Ser professora de berçário, na minha concepção, é perceber o extraordinário durante o trabalho pedagógico com os bebês, a sutileza das ações caracteriza a docência com essa faixa etária, marcadas por relações intensas, olhares de curiosidade e questionamento, além de possibilidades e descobertas em conjunto ou individualmente. Ou seja, ser professora de berçário é estar atenta aos detalhes de cada bebê e participar cotidianamente de inúmeras descobertas.

Para finalizar, o que eu recomendo a respeito dos momentos de alimentação é que a professora sempre tenha esses momentos planejados e que esse planejamento seja pensado conforme as demandas de cada bebê. Por quê? Porque o momento de alimentação precisa ser organizado, não pode acontecer de qualquer forma. As crianças precisam perceber que estamos indo para o refeitório e por que vão ser alimentados ou se alimentar, ou que quando chega a comida na sala é porque está na hora do almoço, por exemplo. E que todos vão ser atendidos, mas que ao mesmo tempo posso continuar brincando se eu não for chamado, ou também se eu acordar com fome logo minha comida vai chegar. Quando há uma organização os bebês também se organizam e compreendem melhor como esse momento vai ocorrer. E os pontos mais importantes, no meu ver, durante a alimentação são: I) alimentar um por vez; II) manter um diálogo durante a alimentação, seja uma conversa sobre algo que está acontecendo ao redor, ou explicar o que a criança está comendo; III) servir os alimentos de forma separada para que a criança possa ver e sentir o sabor de todos eles; IV) que a criança esteja sentada de forma confortável e preferencialmente encostando os pés no chão, porque isso ajuda no momento em que ela começa a se alimentar sozinha e conseguir segurar a colher; V) sempre respeitar a criança: se ele recusar não forçar, pois a criança não precisa comer mais do que ela sente vontade e apenas a criança sabe quando se sente satisfeita.

No próximo capítulo será apresentado as considerações finais da pesquisa do referente trabalho de conclusão do curso.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa procurou entender o quão significativo é o momento de alimentação e que esse momento pertence, ou deveria pertencer, ao trabalho pedagógico. As práticas durante a alimentação precisam ser executadas com intenções, não só de ensinar a identificar os alimentos, mas é preciso ver a potência de aprendizados existentes no cotidiano. Para isso, é necessário pensar desde a estética do alimento, o modo como o alimento vai ser ofertado para a criança, trazer de diferentes formas, não apenas tudo já amassado, por exemplo. Segundo Rossetti-Ferreira (2008 *apud* Stivanin, 2017, p. 97), “os momentos de alimentação na vida de um bebê são carregados de significados, mais do que a satisfação das necessidades de saciar a fome, os bebês vivenciam relações e interações diversas, perpassando pela cultura e história social de cada um”. As crianças precisam vivenciar esse momento. Um exemplo é criar receitas onde as crianças possam participar, ver e explorar os alimentos, acompanhar os processos e saborear quando estiver pronto.

Ao pesquisar sobre os momentos de alimentação e suas aprendizagens, ficou nítido o quão necessário é criar estratégias para que as ações docentes possam ir se modificando nas escolas de Educação Infantil. A alimentação deve ser vista como um dos momentos que integram as práticas das professoras, demandando atenção nas vivências partilhadas nesse espaço. Nas palavras de Cavallini e Todeschi (2015, p. 26), “por meio das diversas linguagens expressivas, são identificadas as passagens necessárias para a preparação cotidiana da mesa ou de almoços especiais que exigem mesas perfumadas e alegres, as combinações possíveis de alquimias de sabores, cheiros e cores, de transformação de alimentos, as riquezas de diálogos e comunicações delicadas”. Sendo assim, é indiscutível que os momentos de alimentação na escola são preenchidos de conhecimentos, individuais e sociais, e por isso, é vital que as professoras potencializem seus olhares sobre os gestos e expressões que acontecem durante a alimentação manifestadas pelas crianças.

As práticas de alimentação que acontecem coletivamente definem a Pedagogia da comida. A partir disso, Barberini (2015, p. 17), afirma: “é assim que atua a pedagogia da comida: em momentos nos quais a alimentação assume valor especial na experiência de vida das crianças, construindo novas dimensões de vida pessoal”. Portanto, as ações no decorrer da alimentação requerem ser pensadas, como qualquer outro momento, como qualquer outra pedagogia. Ela também faz parte dos planejamentos pedagógicos das escolas, tornando a alimentação um momento importante e acolhedor, visto que as ações construídas durante a infância são para a vida toda, sendo boas ou ruins.

Por meio das entrevistas com as professoras de berçário, minha intenção foi escutar suas perspectivas a respeito dos momentos de alimentação em suas turmas, para então analisar seus pontos de vista sobre a sua relação com os bebês ao alimentá-los, como a alimentação está integrada ao currículo e se estão, além da organização e planejamento desse momento, levando em consideração as especificidades dos bebês. E com essas narrativas das professoras foi possível notar que em sua relação com os bebês consideram fundamental criar um vínculo, vivenciar um momento afetivo, respeitoso e tranquilo. Em relação a organização cada professora tem sua maneira, mas o importante é construir um espaço acolhedor para que a alimentação seja um momento agradável para a criança e para as professoras.

Através das leituras realizadas durante a pesquisa, ficou evidente que há várias formas diferentes de trazer para o trabalho pedagógico a alimentação. É nos detalhes que está a riqueza desse momento, escutar ou perceber se querem repetir algum alimento, ou se já estão satisfeitas. A maneira como a mesa, ou a sala, é organizada para os momentos de alimentação, como é feita a oferta dos alimentos, como são servidos. Pensar nessas práticas é o papel da equipe gestora da escola e das professoras, e juntas precisam pensar como podem realizar uma Pedagogia da Comida. Acredito que seja possível elaborar pedagogias e espaços educacionais para as crianças onde elas sejam respeitadas e que os momentos de alimentação sejam vistos como mais uma possibilidade de aprendizado, tanto individual como do grupo.

Contudo, considero que essa pesquisa seja apenas um trabalho inicial. Ainda há um longo percurso sobre os momentos de alimentação que ainda precisam ser compreendidos e como contribuem para o processo de desenvolvimento e aprendizagem das crianças. Ainda assim, deixo aqui um início para que desperte interesse e para problematizar as ações nas escolas de Educação Infantil, mas não só nos momentos de alimentação, em todas suas práticas do cotidiano.

REFERÊNCIAS

AMARO, L. E. **“Tem repetição, professora?...”** Um estudo sobre a prática da merenda escolar e seus significados. 2002. 87 f. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2002.

AMON, Denise; MALDAVSKY, David. Introdução à abordagem sociopsicológica da comida como narrativa social: estados da arte. In: VERONESE, Marília; GUARESCHI, Pedrinho. (Org.). **Psicologia do cotidiano** - Representações sociais em ação. 1 ed. Petrópolis: Vozes, 2007, P. 61-87.

BARBERINI, Alissia. **Pedagogia da comida: cultura, ética, estética e aprendizagem nos processos da alimentação das crianças na escola de educação infantil.** Trabalho de Conclusão do Curso - Universidade Federal da Fronteira Sul. Erechim, 2015.

BARBOSA, M. C. **As especificidades da ação pedagógica com os bebês.** 2010. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=6670-asespecificidadesdaacaopedagogica&Itemid=30192>. Acesso em: 20 de maio de 2020.

BARBOSA, M. C. **Culturas escolares, culturas de infância e culturas familiares:** as socializações e a escolarização no entretecer destas culturas. Educ. Soc., Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 1059-1083, out. 2007.

BARBOSA, M. C. **Por amor & por força:** rotinas na Educação Infantil. Porto Alegre: Artmed, 2006.

BARBOSA, M. C. **Práticas cotidianas na educação infantil:** bases para a reflexão sobre as orientações curriculares. Brasília. MEC, 2009

BARBOSA, M. C.; FOCHI, P. S. Os bebês no berçário: ideias chaves. In: FLORES, M. L.; ALBUQUERQUE, S. S. de (Org.). **Implementação do Proinfância no Rio Grande do Sul:** perspectivas políticas e pedagógicas. Porto Alegre: EDICPUCRS, 2015.

BARBOSA, M. C.; QUADROS, Vanessa. **Aprendizagens cotidianas:** os cuidados pessoais das crianças como gesto curricular. Em Aberto, Brasília, v. 30, n. 100, p. 45-70, set./dez. 2017. Disponível em: <<http://rbepold.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/view/3358>>. Acesso em: 18 set. 2020.

BARBOSA, Najla et al. **Alimentação na escola e autonomia** – desafios e possibilidades. Ciência & Saúde Coletiva, 2013. P. 937-945.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo.** Edições 70, São Paulo, 2010.

BAUM, Carlos. KROEFF, Renata. **Enação: conceitos introdutórios e contribuições contemporâneas aos estudos de Francisco Varela.** In: MAURENTE, V. **Enação: Percursos de Pesquisa.** Florianópolis: Edições do Bosque/NUPPE/CFC/UFSC, 2019. P. 17-16.

BECKER, Fernando. Ensino e Pesquisa: qual a relação? In: BECKER, Fernando; MARQUES, Tania Beatriz Iwaszko (Orgs.). **Ser Professor é ser pesquisador.** Porto Alegre: Mediação, 2007. P. 6-16.

BRASIL. **Constituição,** 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 24 de abril de 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base nacional comum curricular**. Brasília, DF: MEC, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares nacionais para Educação Infantil**. Secretarias de Educação Básica. Brasília: MEC, SEB, 2010.

CARVALHO, Rodrigo. **Educação Infantil: práticas escolares e o disciplinamento dos corpos**. 2005. 193 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação, Departamento de Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

CARVALHO, Rodrigo. FOCHI, Paulo. **O muro serve para separar os grandes dos pequenos**. Textura. Canoas, v. 18, n.36, p.15 -170 jan./abr. 2016.

CARVALHO, Rodrigo. FOCHI, Paulo. Pedagogia do cotidiano: reivindicações do currículo para a formação de professores. In: CARVALHO, Rodrigo. FOCHI, Paulo. **Pedagogia do Cotidiano na (e da) Educação Infantil**. Brasília: Em Aberto, 2017. P. 23-44.

D'ESPÍNDULA, Thereza; FRANÇA, Beatriz. **Aspectos éticos e bioéticos na entrevista em pesquisa: impacto na subjetividade**. Revista Bioética, [s.l.], v. 24, n. 3, p.495-502, dez. 2016. FapUNIFESP (SciELO).

FALK, Judit (Org). **Educar os três primeiros anos: a experiência de Lóczy**. Araraquara: JM Editora, 2004.

GOLDSCHMIED, Elinor; JACKSON, Sonia. **Educação de 0 a 3 anos: o atendimento em creche**. Tradução Marlon Xavier. 2.ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

GUIMARÃES, Daniela; ARENARI, Rachel. **Na creche, cuidados corporais, afetividade e dialogia**. Educação em Revista., Belo Horizonte, v. 34, p.01-19, 2018.

HAEFLIGER, Luciane. **Comer na educação infantil: qual a pedagogia necessária?** Trabalho de Conclusão de Curso - Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo, 2015.

HOLLAND, Cecília. **A creche e seu papel na formação de práticas alimentares**. Dissertação (Mestrado). Departamento de Pós-Graduação em Nutrição Humana Aplicada, USP, 1999.

LESSA, Juliana. **O espaço alimentar e seu papel na socialização da infância: o caso de uma creche pública**. Florianópolis, SC. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, UFSC, 2011.

LIMA, Romilda; NETO, J. A.; FARIAS, R. C. **Alimentação, comida e cultura: o exercício da comensalidade**. Artigos de tema livre. 2015. P. 507-522.

LOPES, Felipe; CORDEIRO, Mariana. **Entrevistas individuais e grupos focais: alguns cuidados ético-metodológicos**. Revista Espaço Acadêmico, v. 11, n. 123, p.58-67, ago. 2011. Disponível em: <<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/12486/7594>>. Acesso em: 15 de julho de 2020.

MARTINS FILHO, A. J. **Minúcias da vida cotidiana no fazer-fazendo da docência na educação infantil**. 2013. 306 f. Tese de Doutorado em- Programa de Pós-Graduação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2013.

MONTANARI, Massimo. **Comida como cultura**. 2. ed. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2013.

OLIVEIRA, Leila. **Como alimentar o bebê?** Para qualquer nutrição, não nos esqueçamos do amor. Revista Estimuladamente: Desenvolvimento do Ser Humano Integral, Salvador, p. 30-35, out. 2019.

PIVA, Luciane. **Transições Cotidianas nos modos de ser e de viver dos bebês e crianças bem pequenas na creche**. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2019.

RICHTER, A. C.; VAZ, Alexandre. **Sobre a tutela dos corpos infantis na rotina alimentar da creche**. Cadernos de Pesquisa., São Paulo, v. 41, n. 143, p. 486-501, ago. 2011.

RICHTER, S. R.; BARBOSA, M. C. **Os bebês interrogam o currículo: as múltiplas linguagens na creche**. Educação, Santa Maria, v. 35, n. 1, p.85-96, jan./abr.2010.

RONDON, M. L. **Cadê a pressa que estava aqui?** Um estudo sobre o tempo dos bebês na rotina da creche. Trabalho de conclusão do Curso de Especialização em docência na Educação Infantil (MEC/UFRGS). FAGED, UFRGS: 2014.

ROSSETTI-FERREIRA, M. C. **A educação coletiva do pequeno cidadão de 0 a 3 anos**. Revista Criança, Ministério da Educação, dez. 2008.

SAMPAIO, Shaula. **Notas sobre a “fabricação” de educadores/as: identidades sob rasuras e costuras**. Dissertação (Mestrado em educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005.

SANTANA, Elvira; SILVA, Darcilene. Uma abordagem socioantropológica do alimento como identidade cultural da Bahia. In: **Seminário alimentação e cultura na Bahia**, 1. Bahia: Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), 2012.

SANTOS, L. E. **Creche e Pré-escola: uma abordagem de saúde**. São Paulo: Artes Médicas, 2004.

SCHMITT, R. V. **As relações sociais entre professoras, bebês e crianças pequenas: contornos da ação docente**. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação - Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2014.

SEABRA, Karla.; MOURA, Maria. **Alimentação no ambiente da creche como contexto de interação nos primeiros dois anos de um bebê**. Psicologia em estudo, Maringá, v. 10, p. 77-86, jan./abr. 2005.

SILVA, Cristiane; GOBBI, Beatriz; SIMÃO, Ana. **O uso da análise de conteúdo como uma ferramenta para a pesquisa qualitativa: descrição e aplicação do método**. Organizações Rurais & Agroindustriais, vol. 7, núm. 1, 2005, p. 70-81 Universidade Federal de Lavras Minas Gerais, Brasil.

SILVA, Marcelo. **A formação continuada sob a ótica de professores participantes de reuniões de projetos interdisciplinares**. Dissertação (Mestrado em educação) – Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2012.

SILVA, Marcelo. **Educação inclusiva**: um estudo de caso em uma escola de educação infantil de Porto Alegre. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2016.

SILVA, Marcelo; CARVALHO, Rodrigo. A entrevista como possibilidade dialógica na produção de dados em uma pesquisa sobre as práticas pedagógicas de professores. In: SANTOS, A. B. et al. **Fontes, métodos e abordagens nas ciências humanas**: paradigmas e perspectivas contemporâneas. Pelotas: BasiBooks, 2019, p. 520-529.

STACCIOLI, Gianfranco. **As rotinas**: de hábitos estéreis a ações férteis. Revista Linhas. Florianópolis, v. 19, n. 40, p. 54-73, maio/ago. 2018. Título original: Le routine: da consuetudini sterili ad azioni fertili. Traduzido por Fernando Coelho, com revisão técnica de Catarina Moro.

STIVANIN, Greice. O que tem na alimentação do bebê? In: ALBUQUERQUE, Simone (Org.). **Para pensar a educação infantil em tempos de retrocessos: lutamos pela educação infantil**. Porto Alegre: Editora da UFRGS. 2017. P 93-110.

TRISTÃO, F. C. **Ser professora de bebês, uma profissão marcada pela sutileza**. Faculdade de Educação: Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2004.

VASCONCELOS, Queila. **Crianças bem pequenas no cotidiano da escola: tecendo relações entre participação e interesses de aprendizagem**. Porto Alegre: UFRGS, 2015. 149 f. Dissertação – Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2015.

VITOR, T. C.; LIRA, A. C. A Educação Infantil e os momentos de alimentação: uma análise do que é praticado, com ênfase nas relações estabelecidas. In: RIBEIRO, D.; DOMINICO, E.; NUNES, M. A. (Orgs.). **Tecendo olhares e debates na Educação Infantil**: políticas educacionais, diversidade e práticas pedagógicas. Guarapuava: Apprehendere, 2019. p. 112-130.

WOORTMANN, E. F. Padrões tradicionais e modernização: comida e trabalho entre camponeses teuto-brasileiros. In: Menasche R, organizadora. **A agricultura familiar à mesa**: saberes e práticas da alimentação no Vale do Taquari. Porto Alegre: Ed. UFRGS; 2007.

APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

A proposta de pesquisa que pretendo realizar, na condição de aluna do Curso de Licenciatura em Pedagogia, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), intitulada “Cultura afeto e relações sociais nos momentos de alimentação na creche”, tem como objetivo abordar as relações entre comida e cultura, ou seja, discutir como a cultura influencia na alimentação; a alimentação faz parte do currículo da Educação Infantil, por isso demanda planejamento, cuidado, atenção com as crianças, pesquisar como essa ação acontece e como deveria acontecer nas escolas; e reconhecer que a alimentação no berçário tem suas especificidades e está diretamente relacionada a aprendizagens cotidianas dos bebês.

Assim, com o consentimento e autorização das professoras, pretendo realizar essa entrevista com professoras de creche que são atuantes nas turmas de berçário, para uma melhor análise de dados, tendo em vista a escrita do meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Desse modo, comprometo-me a respeitar os valores éticos que permeiam esse tipo de trabalho e informo que o sigilo será totalmente preservado, ou seja, não serão mencionados o nome da escola, crianças e professoras nos dados que serão apresentados ou em qualquer outra publicação decorrente do meu Trabalho de Conclusão de Curso. Nesse sentido, esclareço que essa pesquisa não oferece risco ou prejuízo aos envolvidos.

Como responsável pela pesquisa, comprometo-me a responder a esclarecer qualquer dúvida que o/a participante venha a ter no momento do trabalho investigativo ou sempre que julgar necessário, pelo endereço eletrônico

Após ter sido devidamente informada de todos os aspectos desta pesquisa e ter esclarecido as minhas dúvidas, eu, RG sob o número, professora da escola, autorizo a análise da entrevista e utilização do mesmo como dados do Trabalho de Conclusão de Curso da acadêmica **Bárbara Rodrigues Moraes**.

Porto Alegre, de junho de 20.....

Assinatura da professora da escola

Assinatura da acadêmica